STATUS APRESENTA

YELLOW CAKE

UMA NOVELA ATRIBUÍDA A

Alexandre Von Baumgarten

YELLOW CAKE

Editores:
Domingo Alzugaray
Catia Alzugaray

1985 — EDITORA TRÊS

FOTO DA CAPA: Antonio R. Monteiro

OS INGREDIENTES

– Seiscentos milhões de cruzeiros? Em contado? Eu não posso pagar isso, general.

– E por que, general?

– Porque, mesmo sendo presidente da empresa, tenho um Conselho Diretor para dar contas.

– O que a sua empresa vai contrabandear apenas em madeira, para não se falar nas aflorações de ouro e pedras preciosas, cobre tudo isso facilmente.

– Acontece, general, que o senhor quer isso adiantado e eu não tenho de onde tirar agora. Se ficasse para depois, poderíamos até estudar correção para o montante.

– Não há condições! Minha candidatura tem que ser posta a rodar e eu não posso desviar esse dinheiro do SNI.

– O que nós precisamos fazer então é estudar um contrato qualquer de alguma firma de prestação de serviços com a Capemi. Essa é a única maneira que eu vejo para lhe repassar esse dinheiro. Acho, aliás, que essa firma também poderá servir para acertar as contas para a concessão da carta patente do banco, que também vamos pagar adiantadamente.

– Isso vai envolver mais gente, general, eu não gosto. Tenho tido êxito até aqui graças à minha discrição.

– Acho que o senhor não deve se preocupar, mesmo porque, daqui para a frente, o senhor vai ter que aumentar sua equipe e mais gente deverá participar disso tudo. Essas coisas, infelizmente, chegam a um ponto em que não é mais possível se fazer a sós.

– Volto a lhe dizer que isso não me agrada, general.

– Eu não vejo outra maneira, general. Não há condições de se dar saída em 600 milhões de cruzeiros da forma que o senhor pretende. O senhor não deve se esquecer que eu não manipulo verbas secretas. Se para o senhor, que manipula essas verbas, é difícil desviar esse montante, imagine só para mim.

– Nós precisamos estudar isso melhor. De momento não me ocorre quem eu possa usar para montar essa firma.

– Pode deixar, general. Eu vou ver isso e depois submeterei tudo ao senhor.

– Não se esqueça que 2a. feira vou levar a concorrência para o presidente. Até lá isso tem que estar resolvido, senão, nada feito com a madeira e com o banco.

– Eu vou ainda hoje para o Rio. Temos então menos de 10 dias, já que não podemos contar com os feriados. Mas creio que poderei registrar essa firma em 72 horas. Por uma questão de estratégia, acho conveniente

que a sede da empresa seja aqui em Brasília. Assim tudo isso ficará mais fechado.

– O senhor é que sabe, general. Eu sei que preciso desses recursos, em espécie, volto a repetir, até domingo à noite. Nunca se esqueça que tenho condições de fazer esse acerto com os franceses. Eles estão aqui em Brasília e estão feito loucos.

– Mas os que estão aqui são apenas intermediários. A coisa toda deve ser acertada em Paris.

– O presidente vai para a França e eu estou na sua comitiva. Se for o caso, farei o acerto lá.

– Não se preocupe, general. Nada disso vai ser necessário. Nos próximos seis dias teremos tudo acertado e o senhor estará com o dinheiro em mãos.

– Assim espero. Boa tarde, general. Espero notícias suas. Mas antes de qualquer providência, é importante que eu aprove os nomes dos homens que vão aparecer como diretores da firma.

– Sem dúvida, general. Nestas 48 horas lhe submeterei os nomes. Boa tarde.

Cerca das 3 horas da manhã, o coronel empurrou a papelada que estava na frente na sua mesa. Esticou os braços e encostou a cabeça no tampo frio de vidro da mesa.

– Preciso esfriar minha cabeça. Ela parece que está pegando fogo.

Logo depois tocou o telefone vermelho. Era o chefe da Agência e queria saber como estava a operação.

– Yellow Cake já foi iniciada, general. Até aqui vai tudo bem, respondeu Ary.

A essa mesma hora, o chefe do Mossad em Brasília enviou um cifrado para Tel Aviv. O Brasil vai vender urânio para o Iraque. A transação foi concluída esta madrugada. Aguardo instruções. Serguei Golg, cel. In.

O governador do Estado de São Paulo estava eufórico. Mandou convocar às pressas o secretário da Indústria e Tecnologia. Logo cedo ele havia sido informado por Brasília de que suas gestões junto ao governo do Iraque para venda de urânio haviam sido aprovadas e que tudo agora dependia apenas de pequenos detalhes.

– Palma, acabamos de dar um grande salto. Acho que a partir de agora as coisas estão começando a ficar irreversíveis.

– Salto? Irreversíveis? Desculpe, mas não estou entendendo nada.

– Eu vou explicar. Lembra-se quando fomos ao Oriente Médio a pretexto de aumentar a exportação nacional e que você achou tudo uma

loucura?

– Sim, mas e daí? Você disse que um dia eu iria entender e que se tratava de uma das maiores jogadas já feitas pelo Brasil. É isso?

– É isso mesmo. Agora posso lhe contar. Quando saímos daqui foi para vender urânio.

– Você enlouqueceu de vez!

– Deixe eu acabar. A transação foi feita e a venda autorizada pela Presidência da República.

– A troco de que eles haveriam de dar isso a você se eles têm bem à mão aquele japonês da Petrobrás que se dá tão bem com toda aquela gente de lá?

– É que se saísse alguma coisa errada o risco era só meu e não haveria envolvimento do Governo Federal.

– O que é que você vai levar em troca?

– Todas as facilidades para a campanha presidencial, como, por exemplo, entre outras coisas, a aprovação do programa da Paulipetro.

– Quem vai entregar o urânio e aonde?

– Nós é lógico, no aeroporto militar de São José dos Campos. Será uma operação secreta em nível do gal. Medeiros e do presidente da República.

– Isso é perigoso. Eu não estou gostando. Nós vamos nos expor demais.

– Não diga bobagem. O que você tem que fazer é acertar tudo para a entrega ser feita o mais breve possível.

– Continuo a lhe dizer que esse negócio todo está me cheirando muito mal. A mudança de Brasília em relação à gente foi muito rápida e muito drástica. Há qualquer jogada por trás disso tudo..

– Fique calmo. Se eles fizerem sujeira eu conto tudo!

– Eu quero é saber como é que Israel vai reagir a isso. Até aqui você, mesmo sendo árabe, conseguiu conviver bem com a judeuzada. Eu quero só ver como vai ser quando eles souberem disso e você pode ficar bem tranqüilo que eles vão saber disso tudo bem antes do que você possa sequer imaginar. .

– Não se preocupe. Você é um pessimista. Você acha que eu faria isso sem ter tido luz verde do Planalto?

– Esse pessoal do Planalto vive deixando todo mundo com a brocha na mão. Eu repito. Não estou gostando disso. O risco é muito grande. Há qualquer jogada por trás disso.

– Bobagem, Palma. Vá lá providenciar tudo e me avise o mais cedo possível.

– Pode deixar que até o fim da tarde de amanhã eu tenho toda a posição, mas não se esqueça que eu o avisei. Esse negócio vai acabar mal para a gente. Não é normal tanta colher de chá. Eles não gostam da gente.

Tem sujeira no meio.

– Deixe pra lá, Palma. Do jeito que eu cheguei ao governo do Estado, que nem você acreditava, chegarei a Presidência.

– Tudo bem, mas não diga que eu não avisei. Falo com você amanhã. Até logo.

– Faça tudo depressa. Até logo.

A Nuclebrás é uma empresa hermética. Com o pretexto da Segurança Nacional, ninguém sabe muito bem o que se passa lá por dentro. O presidente, embaixador de carreira, fraco e muito ambicioso, tem conseguido sobreviver a vários governos. Sua técnica, por ser simples, é eficiente. Ele não deixa ninguém decidir nada. Todas as decisões devem passar por seu "de acordo".

Assim, quando se programou uma manobra de situação de emergência, e foram ligadas todas as entradas e saídas de força da Usina Angra I, que não resistiram às cargas de corrente, ninguém sabia bem o que fazer, já que o princípio de incêndio e a destruição de boa parte das grandes barreiras de concreto e das paredes de chumbo acabaram por chegar até o conhecimento do chefe do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio.

O embaixador Paulo Nogueira Baptista ficou sabendo do acidente da pior forma possível. O chefe do Corpo de Bombeiros, como bom coronel do Exército que é, logo informou ao seu chefe imediato, o general secretário da Segurança Pública e o Comandante do I Exército, sob cuja jurisdição se encontra a Usina Angra I. Nessa altura, o presidente da Nuclebrás foi localizado na ante-sala do general chefe da Casa Militar da Presidência da República, que também é secretário do Conselho de Segurança Nacional. Como ele estava conversando com o ministro do Planejamento, ambos foram postos a par do acidente pelo próprio general Venturini, que, interrompendo uma audiência, saiu para a sala de espera.

A primeira preocupação do embaixador presidente foi com um presumível escândalo.

– Precisamos segurar a imprensa. Isto é capaz de virar um escândalo daqueles.

Já o ministro do Planejamento, Delfim Netto, civil mais pragmático que o aturdido general e o preocupado embaixador:

– Vamos já falar com o embaixador da Alemanha. Isso pode ser bom para obter mais empréstimo em Bonn e facilitará o reescalonamento da nossa dívida externa.

Após o despacho normal com o chefe do CIE, o ministro do Exército se deteve em uma análise da situação nacional, tendo em vista todas as facilidades que o Planalto vinha dando ao meio político. O general Walter Pires, lídimo representante da linha dura do Exército, não via com bons

olhos o processo da abertura política. Ele disse a seu auxiliar que achava que o prosseguimento dessa linha de conduta do presidente acabaria por levar os oficiais que funcionaram na repressão até o paredão e que ele não podia, por risco de perder sua liderança, consentir que as coisas continuassem desse jeito.

– Braga, é bom você estudar algumas contramedidas que não afrontem a autoridade do presidente, mas que nos dêem condições de modificar o fluxo da maré. O Golbery, a continuar isso do jeito que vai, acabará por nos atirar num abismo sem volta. Eu não vou permitir revanche.

O ex-presidente da República recebeu Heitor Ferreira de Aquino ao fim da tarde no seu gabinete na Norquisa.

– Presidente, o general Golbery pediu-me que viesse a toda pressa assim que soube de suas preocupações.

– Não podemos permitir que o Delfim Netto liquide com a abertura que fizemos para a Europa e o Japão. Acho que a estratégia econômica do Figueiredo está supervalorizando o capital norte-americano e a influência de Israel.

– Posso lhe dizer que o gal. Golbery também anda preocupado com isso, mas se estabeleceu um entendimento profundo entre o Delfim e o Medeiros. A nossa posição no Planalto já não é tão sólida quanto antes.

– Diga ao Golbery para dar jeito de vir até aqui o Rio para analisarmos isso. Ainda não falei com ele, mas sei que o Médici também anda muito preocupado com essa guinada econômica.

– A gente poderia telefonar para Brasília agora e assim acertaríamos a vinda do general.

– Isso não é bom. Você já se esqueceu que a turma do Figueiredo chegou até a botar escuta no meu gabinete quando eu era presidente?

– Sim, senhor.

– Veja se dá para o Golbery chegar até aqui no próximo fim de semana. Poderíamos conversar em Petrópolis. Lá é mais sossegado.

– Como é que o senhor quer que eu lhe avise?

– Você pode ligar para o Humberto Esmeraldo e dizer a ele que o convidado vai chegar dia tal.

O primeiro-ministro cumprimentou efusivamente o chefe do Mossad e passou a discutir o prosseguimento da operação:

– O difícil agora, general, vai ser convencer o ministro da Defesa. Ele, ainda que seja um grande militar, não vê com bons olhos o comprometimento da posição de Israel.

– Mas sem esse bombardeio, senhor ministro, temo que percamos as eleições. Já não temos mais muito tempo para modificar o fluxo da opinião pública. Ou criamos um impacto, ou então Shimon Peres ganha a

eleição.

– Você tem razão. Vou convocar já o chefe do Estado-Maior.

NOS CORREDORES DA CAPEMI

O edifício sede da Capemi fica no Rio de Janeiro, na rua São Clemente, no bairro de Botafogo. Trata-se de um conglomerado de empresas, fundado há mais de 20 anos. Um grupo de militares da reserva, todos ligados ao espiritismo e preocupados com suas aposentadorias, resolveu criar uma caixa de pecúlios, cujos lucros reverteriam, originariamente, para asilos e obras beneficentes, inclusive de educação.

Hoje se transformou num dos mais poderosos grupos privados, que ainda que continue a manter asilos e escolas, se dedica mais ao lucro e à multiplicação dos dividendos de seus associados e pensionistas. Os diretores da Capemi dizem, com justificado orgulho, que o número de pensionistas da caixa de pecúlios ultrapassa a casa dos cinco milhões, quase cinco por cento da população do Brasil.

O edifício, de vidro fumê e de construção moderna, não chega a ser imponente. Sua arquitetura se perde entre a sobriedade imposta pelos militares seus diretores e os arroubos modernistas de um arquiteto que deve ter se perdido nas concessões que fez aos seus clientes, sacrificando sua personalidade artística à pragmática argumentação de uma boa conta bancária.

A vida dentro da Capemi e espartana. Funcionários de todos os níveis se acotovelam em um restaurante, modesto, porém limpo, pagando vinte cruzeiros por almoço, dedutíveis no fim do mês de seus salários. Não se conhece, pelo menos ostensivamente, qualquer exagero do seu grupo tradicional de dirigentes, que são os componentes do seu Conselho Diretor, conhecidos como Os Velhinhos.

A expansão das atividades da Capemi, todavia, forçou Os Velhinhos a admitirem em seus quadros um novo grupo de executivos de segundo escalão, que com seu dinamismo e desenvoltura, pelo menos teóricos, foram contratados para fazer frente aos novos desafios da empresa. Esses executivos não freqüentam o conhecido Bandejão, como é designado o restaurante da empresa. Preferem fazer suas refeições em restaurantes três estrelas, sendo freqüentemente encontrados no Nino, Monte Carlo, Antonio's, Antonino e outros de primeira linha do Rio de Janeiro. Esses executivos, por outro lado, aboliram o modesto hábito dos Velhinhos de freqüentarem linhas aéreas comerciais. Eles se deslocam em jatinhos fretados, que ficam todo o tempo da viagem à disposição, na esperança

eterna de ter que atender uma emergência, que nos últimos anos nunca aconteceu.

É bem verdade que entre Os Velhinhos, alguns não concordaram com a situação dita moderna da empresa e, pela primeira vez em 20 anos de existência, na última eleição se apresentou uma chapa de oposição. O seu presidente, general intendente de formação e carreira, com habilidade e várias concessões, conseguiu, no dia da eleição, contornar as dificuldades, se reelegendo para um terceiro mandato, ainda que tenha sido forçado a abrir algumas vagas no Conselho de Administração.

O gabinete do presidente é espartano, traduzindo bem a impressão causada por seu presidente. Nordestino, com mais de 60 anos, com muita vitalidade, estatura mediana, magro, atlético e queimado de sol. Dizem os biógrafos do presidente que ele não abre mão do esporte, sendo encontrado toda manhã, a partir de 5 horas, fazendo seu cooper na av. Atlântica, onde aliás vive em um bom apartamento.

As divisões nos andares são de madeira compensada e vidro. Isso faz com que as pessoas desenvolvam o hábito de falar baixo e de se moverem com muita sobriedade, na esperança de não chamar a atenção dos chefes. Todos os acessos são controlados por guardas de segurança. Os funcionários, inclusive os de nível de diretoria, para dar o exemplo, apenas podem se deslocar dentro do edifício exibindo crachás de identificação. Os visitantes são obrigados a deixar carteira de identidade na portaria e apenas são admitidos no edifício após a confirmação da hora marcada pelo funcionário responsável. Ao sair são obrigados a devolver uma ficha em que fica registrado seu nome, o funcionário com quem esteve, durante quanto tempo e qual o assunto tratado.

Quase todos os níveis de gerência são ocupados por coronéis do Exército. Alguns poucos civis conseguem se manter dentro dessa estrutura. No grupo novo, é bem verdade, há alguns civis, todavia a maioria continua sendo de militares. Ultimamente, dadas as dimensões dos novos negócios empreendidos pela Capemi, as novas gerências e diretorias executivas, aos poucos, estão sendo transformadas em designações políticas. Isso tem dado ensejo ao, por exemplo, todo-poderoso ministro do Planejamento fazer a designação de algumas gerências e de diretores executivos para administrarem os programas mais diretamente ligados às concessões e autorizações de empréstimos que dependam da Seplan.

O general Aragão, como de hábito, chegou às primeiras horas da manhã. Convocou o diretor da Agropecuária, um dos executivos da nova fornada de funcionários, que é lógico lá não estava. Cerca das 10 horas ele se apresentou ao general. Não se pode dizer que o general gostasse de Fernando Pessoa. Aceitava-o, no entanto, já que ele, desde o começo, estava envolvido com a concorrência de Tucuruí.

O general reprovava sua gordura, seu hábito de beber, sua inconstân-

cia de horário e os gastos imoderados com representação. Para o general, era incomprensível que Pessoa ficasse viajando por vezes até 10 dias com um jatinho fretado. É verdade que seu trabalho produzia resultados. Aliás todo o esquema de Tucuruí no nível do Incra e do Ministério da Agricultura havia sido montado por Pessoa. Mesmo assim, o general hesitava em confiar mais nele. Ele se sentia demais preso às maquinações de Pessoa e começava a se preocupar. Talvez se ele o prendesse ao Medeiros, se sentiria mais à vontade. Ele ficaria mais em suas mãos. O general, ainda que sua aparência não o dissesse, era muito mais esperto do que parecia e era bem mais cuidadoso do que a maioria das pessoas sequer desconfiava. Ele tinha uma habilidade inata em colocar a seu favor o espírito de corpo. Ele sempre conseguia fazer com que a conhecida lealdade dos militares, desenvolvida desde os bancos da Escola Militar, resultasse em vantagem pessoal para si.

– Pessoa, precisamos dar os arremates finais à concorrência de Tucuruí.

– Pois não, general. O que é que o senhor quer que eu faça?

– Estive em Brasília ontem com o nosso amigo e precisamos fazer o repasse para ele.

– Pois não, general. E como o senhor pretende fazer isso?

– É justamente esse o problema. Precisamos montar uma firma de prestação de serviços que possa assinar recibos e que encontre caminhos para dar saída no que receber.

– Isso não é difícil general, desde que se tenha as pessoas certas.

– É justamente isso o que me preocupa.

– Nós já usamos para o repasse do Lourenção a Guavira do Gustavinho Faria.

– Ele não serve. Ele é um chantagista. Ele nos custou 150 milhões.

– Pode-se usar o Abyssamra.

– Você acha? Ele é fraco, bebe demais, vive envolvido em escândalos com mulheres. Fala demais.

– Eu tomei conta dele, general. De mais a mais ele é casado com uma sobrinha do Nini e o seu sogro é meu funcionário na Agropecuária.

– Acho o Fernando Mário muito fraco.

– Mas assim mesmo o senhor o contratou e por um salário muito alto.

– É lógico. Ele é irmão do general Newton.

– É isso aí, general. Tudo em família. Tudo dentro do SNI. Ninguém nunca vai poder dizer nada. Se o Medeiros confia no Nini para lhe entregar a Agência Central, por que não confiar nele também para fazer o repasse?

– Mas como? Você pretende que o Newton entre nessa firma?

– Não, general. Não ele. O irmão dele e o genro do irmão dele. O senhor vê, assim fica tudo em casa. De mais a mais, ele nos auxiliou muito desde o começo disso tudo.

– É, mas eu paguei bem por esse auxílio.

– O senhor não pode se queixar. Foi tudo muito discreto e direitinho.

– É, mas foi ele quem enfiou esse tal de Gustavinho Capemi adentro.

– Não havia escolha, general. Era a única maneira de dobrar o Lourenço e acertar a posição dentro do Incra.

– Bem, eu vou consultar o Medeiros. Prometi que submeteria os nomes a ele.

– Eu tenho a impressao que ele vai aceitar. Andei sabendo de algumas histórias do Medeiros com o Abyssamra no Hotel Everest.

– Que histórias, Pessoa?

– Bem, o senhor sabe, general, o Medeiros não é propriamente uma virgem. Histórias de mulheres e bebidas.

– Não quero saber disso. Você não me disse nada a respeito. Vou consultar o Medeiros e volto a falar com você. Espero que você não vá viajar.

– Eu pretendia ir a Belém, general. Já estou iniciando entendimentos para aquisição de equipamentos, mas ficarei à espera de suas determinações.

OS INIMIGOS SE ALIAM

Decisões sempre são difíceis de serem tomadas. Ainda mais quando se envolvem nelas interesses dos últimos escalões da República. Para Pessoa, depois da conversa com o general Aragão, era crucial tomar a decisão certa. A partir dos entendimentos entre o presidente da Capemi e o ministro chefe do SNI, sua posição na Agropecuária poderia se consolidar de vez ou, o que é pior, deteriorar por completo.

Para ele, essa avaliação ficou ainda mais clara depois de ter dado um relance de olhos no seu gabinete, sentindo pela primeira vez o choque do contraste entre as instalações do seu departamento e a modéstia das instalações da Presidência da empresa. Como que surpreso, começou a notar que a suntuosidade e o fausto da Agropecuária era a demonstração mais do que evidente de que sua posição dentro da estrutura estava ameaçada e, a menos que fizesse alguma coisa, seria fatalmente engolido pelos acontecimentos e, em seguida, sacrificado para aplacar a inveja e o despeito de todos os coronéis da Capemi que se acotovelavam no bandejão e que tinham que se submeter à modéstia das instalções da sede.

Levantou-se de trás de sua mesa e caminhou lentamente para a janela. Seus sapatos italianos se afundavam no carpete. Os estofados de couro, os quadros caros, as três secretárias, com as quais dormia alternadamente, tudo soava como um sinal de alarme. Mais do que nunca, ele se sentiu um corpo indesejado dentro daquela estrutura, toda ela falsa e menti-

rosa. Para Pessoa, começava a ficar claro agora que seu comportamento era uma afronta aos Velhinhos, que não aceitavam sua ostentação, e para os outros, que não concordavam com seus vôos altos. Enquanto os Velhinhos achavam que suas despesas poderiam ser reduzidas em proveito dos asilos e escolas, a maior parte dos gerentes se contorcia com os rumores das comissões que ele recebia por fora. Enquanto para cada um daqueles coronéis era necessário uma autorização especial para levar alguém para almoçar num restaurante de segunda, Pessoa gastava em um único jantar a verba de pelo menos dois meses de cada um deles. Pessoa sabia que se tratava de uma luta entre um corrupto de alto coturno e um grupo de apanhadores de gorjetas e falsificadores de pequenas notas de despesa. Ele estava fora do tempo e da hora dentro da Capemi, não que ele não estivesse certo e a Capemi errada. Ele estava na frente. Era o pioneiro e teria que pagar o preço por isso. Ou as coisas se modificavam, ou ele seria destruído pela avalanche.

Era crucial a decisão que deveria tomar nas próximas duas horas. Falar com Nini ou chamar o Abyssamra?

Para falar com Nini, teria que ir a Brasília. Ainda não podia chamar o general. Ele sabia que chegaria até lá, se tomasse a decisão acertada agora. Sua certeza disso vinha do êxito que tivera, muito rapidamente, nas áreas militares. Sua técnica, ainda que ousada, era bastante eficiente. Ao se encontrar com qualquer general, mesmo os que não conhecia, imediatamente abraçava-o na frente de todos, demonstrando uma intimidade que na verdade não tinha, mas que o colocava na mesma posição do general. Daí a dividir o poder e o prestígio era um salto simples. Ainda que fosse gordo, baixo, quase calvo e com pouco mais de 40 anos, Pessoa era hábil e inteligente. Ele havia sabido dar esses saltos muito bem.

Na janela do 20º andar, tinha uma visão panorâmica de boa parte da Baía da Guanabara. Imperceptivelmente seus olhos desceram para o edifício sede da Capemi, onde meia hora atrás havia sido comunicado pelo general Aragão que o momento havia chegado. Ele não gostava do prédio da Capemi. Achava-o grosseiro naquela mistura de presunção excessiva e servilismo total, tão característica dos oficiais do Exército. Prepotentes com os subordinados e servis com os superiores. O seu desprezo pelos militares às vezes era difícil de ser disfarçado, principalmente quando tinha que participar das reuniões do Conselho de Administração, ou então quando ia ao SNI falar com Nini. Ele sempre ficava chocado com as grosserias de Nini com seus subordinados, que contrastavam com a humildade do general toda vez que se via ante um superior, principalmente quando se tratava de Medeiros. Era constrangedora a mudança. Não havia dignidade em nada daquilo.

Ele tomou a decisão. Voltou à mesa. Mandou ligar para Abyssamra em Brasília e convocou Fernando Mário.

Mandou Abyssamra vir imediatamente para o Rio e mandou Fer-

nando Mário viajar para Brasília. Para o primeiro, iria explicar como fazer para falar com Aragão. Com Fernando Mário, sua conversa foi diferente. Explicou que para todos eles era importante não perder a oportunidade de montar a firma de prestação de serviços e que dependeria da aprovação de Medeiros a aceitação de seus nomes na nova empresa. Caberia a Fernando Mário convencer o irmão da necessidade de intervir no assunto. Ele tentou explicar que essa conversa era um risco muito grande, mas que era calculado e que se eles não detivessem o controle da empresa, perderiam sua força dentro da Capemi e que o general Aragão se aproveitaria da abertura de Medeiros para liquidá-los a todos. Fernando Mário seguiu direto para o aeroporto.

Havia começado o jogo bruto. Pessoa sempre ficava muito nervoso nessas horas. Chamou sua secretária, Aparecida, trancou a porta, acendeu a luz vermelha, sinal de que todas as ligações e contatos deveriam ser suspensos e que ninguém deveria perturbá-lo. Giselda e Norma, as outras duas secretárias, suspiraram aliviadas. Não incumbia a elas tranqüilizar o gordo. Era a vez da Cida. Aliás, nesses momentos de angústia, ele sempre preferia a Cida. Ela era mais devassa.

Ele praticamente não deu tempo a Cida de tirar a roupa. Jogou-a brutalmente sobre o sofá e começou a possuí-la com roupa e tudo. A blusa voou para um lado. O vestido foi levantado. O soutien arrancado e as calcinhas rasgadas. A violência e o peso do gordo provocavam ódio em Cida, mas apenas com ódio ela conseguia chegar ao orgasmo. A dor física e o ódio eram uma constante naquele relacionamento que já durava mais de um ano. A dificuldade daquilo era às vezes explicar ao marido os hematomas que constantemente marcavam seu corpo.

Mais calmo, Pessoa resolveu iniciar entendimentos com João Luiz. Como ele, João Luiz era da nova fornada de executivos. Sua especialidade era o mercado de capitais e ultimamente ele vinha melhorando muito sua posição ao lado de Aragão. Agora ele era importante. Até aqui Pessoa o tinha evitado, se mantendo a uma distância prudente. A cupidez de João Luiz assustava Pessoa. Ele achava que o economista ia com muita sede ao pote, que fatalmente iria acabar quebrando. Ainda que se cumprimentassem cordialmente, eram inimigos. Agora, no entanto, com a antecipação dos acontecimentos, coisa que ninguém tinha previsto, era necessário atrair João Luiz para o grupo. Ele ainda não sabia como, mas usando a Agropecuária imaginava poder comprar o novo aliado.

Não se pode dizer que João Luiz tenha recebido com satisfação o convite para almoçar. Ele não gostava do gordo. Não aprovava suas maneiras e o que é pior, via sempre em Pessoa uma ameaça potencial ao seu futuro dentro da Capemi. Para João Luiz, as ligações de Pessoa na área do SNI não prenunciavam nada de bom. Ele, na realidade, não sabia bem até que ponto essas ligações eram profundas. Ele não podia imaginar Pessoa com a intimidade que se apregoava com Medeiros. Ele achava o

general do SNI muito fechado, não dado a conversas nem liberdades, mas não tinha certeza. Ele raciocinava que com essa fonte de informações as pessoas realmente não sabem nunca o que esperar e, como toda a engrenagem da Agropecuária girava em torno de Tucuruí e como era notório que a concorrência seria entregue à Capemi pelo gal. Medeiros e por intermédio da Agropecuária, ele ficava em dúvida. Embora o convite o tenha deixado preocupado, deixou-o também otimista. Esse convite representava da parte de Pessoa o reconhecimento de sua importância dentro da estrutura do gal. Aragão.

João Luiz era um homem prudente. Ambicioso, corrupto, mas muito prudente. Como muitas vezes manifestara ao gal. Aragão sua desaprovação ao comportamento de Pessoa, achou prudente consultar o seu chefe sobre esse convite, já que isso era completamente inusual e mais ainda, se alguém os visse juntos e fosse contar ao gal. Aragão, ele poderia perder a confiança do presidente da Capemi. Ele sabia que o presidente não tolerava Pessoa, mas tinha que agüentá-lo, já que o desenvolvimento de toda problemática de Tucuruí girava em torno do gordo. João Luiz viu nisso a possibilidade de consolidar ainda mais a sua posição junto do general. Na medida em que ele levasse para o general as coisas que lhe interessavam, poderia até fazer com que o general encorajasse seus encontros com Pessoa. Era desse encorajamento oficial que ele precisava. A Agropecuária estava ficando muito grande para que ele a desconhecesse e para ele era ainda mais importante tentar entrar nos entendimentos feitos na França para se obter financiamentos para a extração da madeira. Ele se considerava o melhor entendido em finanças dentro da Capemi, mas estava com suas ações limitadas à distribuidora de valores do grupo. Se ele conseguisse se envolver nesses programas de financiamentos externos, era certo que daria um grande salto dentro da organização e poderia até chegar ao Conselho de Administração.

Conversar com o general não era fácil para João Luiz. Eles diferiam em tudo. A simplicidade, que João Luiz sabia ser intencional, do general e a sua modéstia se chocavam com a maneira de ser de João Luiz. Até mesmo no detalhe das roupas o confronto era chocante. Enquanto um era elegante a ponto de chegar à empáfia, o outro era modesto a ponto de chegar ao constrangimento. Nesses dois anos em que ele conhecia o general, não conseguira contar mais de três ternos que ele tivesse trocado. As gravatas então eram um desastre total. Não tinham a ver com o resto da roupa, principalmente com as camisas cor-de-rosa que o general usava, cuja cor lembrava a roupa íntima das mulheres do Mangue.

Com seus quarenta anos, muito bem vestido, magro e bem-falante, João Luiz até se considerava bonito. Perdia bastante tempo ajeitando seus cabelos castanhos que fazia cair sobre a testa de forma artificial, mas para dar a impressão de descuido e naturalidade quando os ajeitava com a mão. Às vezes os cabelos não voltavam para a testa nem caíam sobre sua

sobrancelha direita. Quando isso acontecia durante alguma reunião em que ele queria deixar impressão particularmente boa, era um verdadeiro suplício fazê-los deslizar.

Enquanto ele não conseguia isso, se sentia inseguro, ficava desatento e cometia erros. Aliás, era a isso que ele atribuía sua desgraça dentro do conglomerado econômico do BCN. Foi numa dessas reuniões que o presidente do Banco teve sua atenção despertada para o jovem e ambicioso executivo e, tendo-lhe facilitado as coisas, ele chegou rapidamente ao nível de diretor da distribuidora de valores. No entanto, a sua cupidez foi mais forte que a prudência e, tendo começado a operar no paralelo por conta própria, foi interpelado pelo presidente do banco em uma das reuniões semanais. Foi justamente nessa reunião que os seus cabelos encaracolaram-se e não caíram sobre a testa. Ele se atrapalhou nas respostas. Das respostas não convincentes a uma fiscalização e João Luiz demitido com desonra, mas felizmente sem escândalos. Isso o marcou profundamente e o problema dos cabelos se transformou em verdadeiro fetiche. Ele atribuía a esse fetiche o seu êxito na primeira entrevista com Aragão e daí para frente sempre cuidou para que seus cabelos ficassem desarrumados a ponto de não ter mais dificuldades para, com um simples movimento de cabeça, jogá-los para frente.

O encontro com o general, ainda que penoso, foi um êxito. Aragão não apenas ficou muito interessado como incentivou a conversa com Pessoa. Para ele, era importante um entendimento entre todos os executivos do conglomerado e que ele via com bons olhos a troca de informações entre os altos escalões como, também, o bom entendimento entre todos os funcionários, já que todos faziam parte de uma única família, a grande família espírita da Capemi. E que a ele, Aragão, como presidente, cabia a orientação de todos e de tudo e particularmente o esclarecimento de todas as dúvidas. Que João Luiz fizesse o favor de procurá-lo após esse almoço e que não havia necessidade de dizer a Pessoa que ele havia sido inteirado desse encontro, já que o diretor da Agropecuaria, por sua maneira peculiar de ser, poderia não entender bem o espírito e as intenções de João Luiz ao comunicar-lhe esse convite.

João Luiz entendeu bem o recado. Com a alma mais leve volto para a cidade, já que a distribuidora funcionava fora da sede. Tinha instalações na rua da Quitanda, bem longe, o mais longe possível, de Aragão e dos seus Velhinhos. Quando João Luiz implantou a distribuidora, conseguiu convencer Aragão que ele deveria ficar no centro bancário da cidade, já que a atividade era muito nervosa, havendo casos que necessitavam de uma interferência quase imediata, que a distância física desse centro atrapalharia algumas vezes o êxito de alguma operação e que isso poderia representar até perdas substanciais para a Capemi. Esse argumento foi decisivo.

EM PALPOS DE ARANHAS

Palma não almoçou bem aquele dia. Depois que deixou o gabinete do governador se deteve com o chefe da Casa Civil e ainda foi ao gabinete do vice-governador. Na saída, passou pela sala de imprensa. Era importante manter a boa imagem de homem público e amigo dos jornalistas. Fazia questão que o chamassem de você. Dava-lhes toda liberdade e intimidade, ainda que no fundo da alma nutrisse um profundo desprezo por todos eles. Considerava todos chantagistas baratos, facilmente compráveis com um simples cargo de assessor, mas assim mesmo era importante ser tido como boa praça, que sempre estava disposto a fazer um pequeno favor aqui e outro ali. Assim como no Banco do Estado, onde conseguia empréstimos para os repórteres.

Ele resolveu almoçar em casa; assim não teria que aturar nenhum daqueles chatos que se acotovelavam ao seu lado na hora do almoço na esperança de serem convidados pelo chefe e assim demonstrarem prestígio dentro da Secretaria. De mais a mais, precisava pensar bem nessa história de urânio para o Iraque. O governador positivamente tinha enlouquecido e iria arrastá-los todos para um grande desastre. Não entrava na sua cabeça que o Planalto desse uma possibilidade tão grande ao turco, que era como ele chamava o governador na intimidade.

Essa história de minerais estratégicos nunca agradou muito ao secretário. Embora fossem repartições do Governo do Estado que faziam todo o processamento, quem controlava tudo era o Governo Federal, já que era ele o poder que indicava todos os diretores e os homens do segundo escalão que operavam nessa área. O Governo do Estado se limitava a entrar com os recursos, que teoricamente deveriam voltar a seus cofres com lucro, uma vez que, pelos contratos, o Governo Federal pagava pelo fornecimento do mineral. Mas o Governo Federal não pagava e ninguém nunca cobrava. Essa história tinha sido sempre uma pedra em seu sapato. A coisa o incomodava a tal ponto que já havia até feito um estudo que pretendia submeter ao governador, passando tudo isso para o Ministério das Minas e Energia. Agora, pelo visto, esse projeto iria ficar dentro da gaveta, já que para o turco isso virara um trampolim para iniciar sua caminhada rumo à Presidência da República.

Ao chegar em casa, se aborreceu de saída. Ele tinha duas filhas. Cristhiane, de 22 anos, e Lavínia, de 19. A mais velha, que cursava o 4º ano de Filosofia na USP, era foco permanente de preocupações. Além da influência nitidamente de esquerda que sofria na Faculdade, ultimamente estava começando a ficar excessivamente liberal em assuntos de sexo, be-

bidas e maconha. Palma suspeitava que ela já não era virgem há muito tempo e que suas atividades etílicas já a tinham levado à maconha e talvez até mesmo à cocaína. Ele havia perdido sua autoridade com essa filha quando ela o surpreendera no Othon Palace hospedado com uma de suas muitas aventuras femininas. Nesse dia, ainda que ninguém tivesse dito nada a ninguém, houve como que um entendimento tácito: eu não me meto na sua vida, mas você não vai mais se meter na minha. É esse o preço do meu silêncio ou então eu conto tudo à mamãe.

Para Palma, a mamãe era importante. Ainda que ele fosse presidente das empresas do grupo, as ações eram da família de sua mulher e ele na verdade não podia se dizer amigo de seus cunhados e cunhadas. Isso significava que uma ruptura com a mulher seria uma debacle econômica e isso, nessa quadra dos acontecimentos, era simplesmente intolerável. Ele estava montando sua libertação, mas precisava de pelo menos mais dois anos para concluir alguns negócios que realizava à sombra da sua Secretaria, e como o turco dava muita importância às aparências de um lar correto para seus secretários, ele não podia agora correr nenhum risco. Pois justamente nesse maldito dia, sua filha havia dormido fora pela primeira vez sem dar qualquer satisfação ou explicação à mãe. Quando ele entrou na sala, foi engolfado por uma verdadeira batalha entre mãe e filha. Cristhiane explicava a Edith que ela já era maior, que tinha renda própria deixada pelo avô e que não via nenhuma razão para não sair com quem quisesse e até dormir em qualquer motel ou apartamento à sua escolha, mesmo porque ninguém podia recriminá-la de nada, pois até nos estudos ela ia muito bem, obrigada.

Foi um custo aplacar os ânimos. Não podia investir contra a filha, que o tinha nas mãos, nem afrontar a autoridade de Edith, que era muito zelosa de sua condição de mãe. Para consertar a situação, foram gastas quase duas penosas horas, em que Palma primeiramente conseguiu fazer a filha ir para o quarto. Era importante separar as contendoras fisicamente. Deus o livre e guarde que uma palavra mal dita desencadeasse uma reação incontrolável da menina que, no estado em que se encontrava, facilmente entregaria à mãe as atividades extraconjugais do pai. Feita a separação, foi um drama acalmar sua mulher e prometer ter uma conversa séria com a filha. Conversa? Que conversa que ele podia ter com a filha? Mas enfim, após serenar a mãe e fazê-la parar com o pranto histérico, conseguiu ir ao quarto da filha, que o recebeu com um ar de riso e curiosidade: mais um acordo. Mais uma concessão. Agora era ele que tinha que fazer um pacto com a filha e lhe prometer cobertura junto da mãe toda vez que ela resolvesse se divertir um pouco mais.

O pouco que ainda havia de espírito de família e de respeito mútuo acabou naquele dia naquela casa. Foi uma decisão dramática para Palma, mas ele colocou os seus interesses acima disso tudo e daí para a frente, se tudo ficou mais fácil de um lado, do outro ficou tudo muito mais difícil,

tão difícil que nem mesmo um homem frio, vivido e inteligente, como Palma, naquele momento poderia imaginar como tudo isso iria acabar.

Foi com esse estado de espírito que ele foi para a Secretaria e mandou convocar o coronel que manipulava com o urânio.

PLANOS ISRAELENSES

O general Mordachai ficou irritado assim que entrou no gabinete do premier. A simples presença do general Zivi, diretor do Mossad, não lhe prenunciou boas coisas. Nos seus 63 anos, Mordachai já tinha visto muitas coisas. Fora colega do premier desde as épocas da Hagana e, se admirava a sua coragem, ultimamente vinha reprovando alguns de seus comportamentos, principalmente quando Beguin colocava a serviço de seus interesses políticos toda a estrutura do Governo. Para Mordachai, era mortificante ver, por exemplo, como o premier se servia de tudo que estava a sua mão para alcançar seus propósitos pessoais.

O comportamento do general Zivi que, ao cumprimentá-lo, abaixou os olhos, lhe deu a certeza de que havia se desenvolvido um entendimento marginal entre o premier e o diretor do Mossad. Lembrou-se então que, quando da escolha de Zivi para a função, fora um dos que mais se opusera à nomeação. Ainda que considerasse Zivi um bom soldado, sabia que caráter não era o seu forte e que na posição que iria ocupar, seria facilmente corrompido pelos políticos e pelos interesses econômicos que giravam em torno de Israel e que não eram pequenos. As primeiras indicações dessa corrupção ele teve uns seis meses após a nomeação. O Mossad começou a promover investigações dentro de Israel, na área política, fugindo assim de suas finalidades de defesa do país contra ataques externos. A pretexto de levantar infiltrações de interesses da OLP e dos árabes, o serviço de informações começou a pressionar políticos contrários ao premier. Para ele, esse procedimento era simplesmente repulsivo. Ele não aceitava que militares descessem tão baixo, a ponto de promoverem chantagem para favorecer o Governo. Ele sabia e aceitava a necessidade do Governo de ter informações internas; o que ele não aceitava, de forma nenhuma, era que oficiais das forças armadas se prestassem a esse serviço. Ele achava que isso tirava a dignidade da farda e, perdida essa dignidade, para ele era o princípio do fim, já que militarmente Israel conseguia se impor a seus inimigos árabes principalmente graças ao respeito que todos tinham por suas forças armadas e esse respeito terminaria assim que as atividades do serviço de informações entrassem em uma faixa menos digna, que era exatamente o que estava começando a

ocorrer. Até mesmo os russos tinham mais dignidade nisso. Lá havia dois serviços: o GRU, que era exclusivamente militar, e o KGB, que cuidava do resto. Com isso até mesmo os comunistas salvaguardavam a dignidade de suas forças armadas, que sabiam ser fundamental para salvá-las como uma estrutura digna e respeitada. Isso, infelizmente, estava acabando em Israel e em alguns outros países do mundo ocidental.

– General, temos informações seguras de que o Iraque está se preparando para produzir sua primeira bomba atômica, disse o premier em voz formal e grave.

– Isso é grave, premier. Mas não vejo como será possível, já que além de não disporem de urânio em quantidade suficiente, a tecnologia deles não chega a isso, respondeu.

– O que sabemos, general, é que o urânio eles já vêm recebendo com alguma regularidade e, quanto à tecnologia, posso lhe assegurar que alguns dos franceses que trabalham na usina vêm fazendo grandes depósitos em suas contas bancárias na Suíça, volveu o premier.

– Talvez fosse então o caso de denunciarmos isso à Agência Internacional de Controle Atômico. Parece-me que eles são muito ciosos da aplicação pacífica da energia atômica.

– Eles não farão nada, disse o premier, já começando a se irritar. Ultimamente o relacionamento entre os dois estava se azedando de forma muito rápida. Beguin não conseguia entender como Mordachai vinha mudando. Ele se lembrava bem do general quando era jovem. Um dos mais corajosos da Hagana. Sempre na primeira linha, não hesitando ante nenhuma missão, tendo inclusive muitas vezes até se exposto em arriscadas operações terroristas. O que sempre o impressionara em Mordachai era o fogo de seus olhos, no qual se lia uma bravura sem limites. Esse fogo ainda estava lá, mas agora parecia diferente. Era um fogo incompreensível para o premier.

– Acho, excelência, que devemos dar um crédito de confiança à Agência. Tenho conversado com alguns de seus funcionários e eles têm se demonstrado muito firmes e bem intencionados. De mais a mais, com essa denúncia, certamente provocaremos reações internacionais e daremos condições aos Governos dos Estados Unidos e Rússia de pressionarem o Iraque. Como o senhor sabe, se eles suspenderem o fornecimento de material bélico para o Iraque, o Irã acabará com o Iraque e aí o problema se resolverá por si.

– Nem Rússia nem Estados Unidos farão coisa alguma, general. O senhor sabe da chantagem do petróleo. Só isso já faz com que os Estados Unidos fiquem fora disso tudo. Quanto à Rússia, ela jamais fará qualquer coisa que a desgaste ainda mais no Oriente Médio. Não, general. Esse problema nós temos que resolver a nossa maneira.

– Como assim, ministro?

– O senhor deve estudar um plano para destruição da usina atômica

do Iraque.

– Mas isso é uma temeridade, senhor ministro. O senhor avaliou bem as conseqüências de uma agressão dessa ordem?

– Nós não temos escolha, general. Já pensei nisso muito e à luz das informações que o general Zivi tem trazido a este gabinete, não vejo outro caminho.

– É estranhável, em primeiro lugar, senhor ministro, que o Ministério até agora não tenha recebido qualquer uma dessas informações. Em segundo lugar, excelência, acho que o senhor não pode tomar essa decisão sozinho.

– A instrução para que todas essas informações fossem entregues exclusivamente a mim, general, é minha e tendo chegado à conclusão que era o momento de dar ciência disso ao Ministério da Defesa, mandei chamá-lo e é o que estou fazendo nesse preciso momento. Quanto à decisão, não se preocupe, general. Mais do que ninguém, sou cioso da manutenção da ordem e do respeito à autoridade. Essa decisão, se for adotada, o será pelo Gabinete reunido, do qual o senhor faz parte, general. Tenho certeza de que todos os ministros estarão interessados em suas objeções.

Até lá o senhor deve estudar a melhor maneira de destruir essa usina. O general Zivi lhe entregará todo material que o Mossad tem a respeito e eu quero que o senhor se apresente à reunião do Gabinete com um plano elaborado e com várias alternativas. Até lá isso é secreto. Não deve ser discutido com ninguém que não esteja envolvido diretamente no planejamento do ataque. Passe bem, general.

– Zivi, começaram as hostilidades com o ministro, disse o primeiro-ministro assim que Mordachai saiu do gabinete. As despedidas foram frias e quase hostis.

– Eu lhe avisei, ministro, que Mordachai estava na linha dos moderados. Ele hoje em dia é um dos mais liberais das nossas Forças Armadas.

– É uma pena que o Dayan esteja do lado de lá. Se ele estivesse com a gente eu poderia pô-lo no lugar de Mordachai. Não vejo outro general que tenha peso para substituir Mordachai. Ele é tido entre os nossos como um herói. Sua substituição, politicamente, pelo menos agora, é impossível. Eu não tenho condições de sofrer mais um desgaste grande. Se eu tirar Mordachai, nem a libertação de todos judeus dissidentes russos me salvará politicamente.

– E o que é que nós vamos fazer?, perguntou Zivi.

– Temos que esperar e ter muita paciência e habilidade. Acho que você deve freqüentar mais o Ministério. Agora com o pretexto de passar todas as informações sobre a usina atômica você poderá fazer isso normalmente.

– Eles não vêem lá com muito bons olhos depois que ficaram sabendo das operações internas.

– Não se preocupe com isso. Eu lhe darei toda cobertura.

– Há uma corrente muito forte no Ministério que acha que eu, além de comprometer o Mossad, deixei as Forças Armadas numa situação muito ruim.

– Isso é bobagem. Eles não passam de simples soldados que não têm visão política dos problemas. Isso é coisa de Mordachai. Se o ministro fosse outro, nada disso estava acontecendo.

– Bem ministro, mas essa realidade existe e não há nada que possamos fazer.

– Há sim, Zivi. Coloque Mordachai sob a mais estreita vigilância, inclusive telefônica.

– Isso é muito arriscado, ministro. Vai acabar transpirando e aí sim é que ficaremos mal de vez.

– Não Zivi, não vai transpirar. Eu estou autorizando-o a usar o esquadrão especial. Assim ninguém saberá de nada.

– Para isso, ministro?

– É. Exatamente para isso. Isso é muito mais importante do que você possa imaginar.

NEIVA DESCOBRE O BOLO

Naquele dia o cel. Neiva levantou-se mais tarde. Cerca de 11 horas. Mas nem por isso seu humor estava bom. Ao contrário do que fazia todo fim de semana, não iria nem ao Guarujá nem ao Rio. Desde que ele havia sido transferido para a Agência do SNI em S. Paulo, havia adotado o hábito de não ficar nunca na cidade nos fins de semana. Cada 15 dias, recebia uma cortesia da VASP, empresa de aviação do Governo do Estado, uma passagem de ida e volta para o Rio. Se fosse general, receberia todo fim de semana. Era um esquema montado pelo governador Paulo Maluf, que se esforçava ao máximo para ser simpático com quem ele achava que lhe poderia ser útil e o cel. Neiva, que era chefe de operações do SNI no Estado, é evidente que era considerado como pessoa que poderia ser muito útil.

Neiva sabia que, se insistisse, conseguiria receber uma passagem cada fim de semana, mas qual, isso não ficava bem, principalmente para ele que recebia as passagens a que tinha "direito" com muita relutância. Nos outros fins de semana, ele ia para casa de amigos no Guarujá. Assim ele ia levando sua vida.

Ele foi para o banheiro e como de hábito se pesou. 110 quilos. Para 1,92 metro até que não era muito. Com 45 anos de idade, até que não estava mal. Concluída a higiene matinal, fez seu café para depois se esten-

der na cadeira do terraço para apanhar um pouco de sol. Fazia calor e o dia estava muito bonito. Do terraço do seu apartamento, na al. Santos (o mais alto espigão da cidade), no 12º andar, avistava toda a zona sul da cidade. Ele não se cansava nunca de admirar a grandiosidade dessa cidade tão cheia de contradições e conflitos. O apartamento era bom. Dois dormitórios com uma suíte, uma boa sala, dependências de empregada e cozinha bastante espaçosa e uma vaga na garagem. Como não tinha que pagar pensão para a ex-mulher – ela era muito rica – conseguia sobreviver bastante bem, principalmente em comparação com outros colegas de profissão. Eventualmente recebia no seu apartamento algumas moças, casos seus, no entanto, sem maior compromisso ou profundidade. Ele sabia que agradava às mulheres, principalmente as paulistas, já que, além de ser bastante alto, era, pode-se dizer, muito bem apessoado, com cabelos castanhos bastos e ondulados. Um ondulado suave que sempre lhe dava um ar de displicência elegante. Afeito aos esportes, nadava, jogava bola ao cesto e vôlei, o que mantinha seu estado físico sempre em boa forma. A decoração do apartamento, por outro lado, traduzia bem o temperamento do coronel. Era uma mistura suave e muito acolheradora do clássico com o moderno. O coronel detestava o espalhafato. Era um homem recatado e modesto, mas muito firme. Era bem educado e muito mais lido e culto do que seria lícito se imaginar em um oficial do Exército brasileiro. A primeira impressão que ele causava era sempre boa e isso o ajudava muito, já que quando queria ou precisava, conseguia manter uma conversação interessante em quase todos os níveis.

O coronel, por outro lado, ainda que não fosse um gênio, tinha uma inteligência bem acima do nível normal. Isso também facilitava muito a sua vida, principalmente se considerando que atualmente ele desempenhava a importante e difícil função de informações no Estado mais complicado da União. Após dar uma ligeira lida no jornal *O Estado de S. Paulo,* imperceptivelmente ele começou a analisar algumas modificações, ainda que sutis, no relacionamento do SNI com o governador do Estado. Desde que Paulo Maluf chegara ao Governo contra a vontade do presidente da República, o que no Brasil, nessa época, há que se reconhecer, era uma façanha e tanto, ele havia sido declarado inimigo jurado do Sistema e tudo que fosse possível se fazer para atrapalhar o "turquinho", como era designado no Serviço o governador paulista, era feito. Mas o homem resistia a tudo e a todos. Ainda que Neiva não gostasse dele, o admirava pela capacidade que ele tinha de sempre conseguir dar a volta por cima. Havia que se reconhecer que o homem era uma potência e em termos de política era uma verdadeira raposa. Jamais passava recibo por pior que fosse a coisa. Ele realmente tinha muito estômago. De uns três ou quatro meses para cá, no entanto, ainda que não houvesse nada de oficial, ele já sentia uma modificação da cúpula do SNI com relação ao governador. Já não se faziam mais coisas como passar informações detur-

padas para alguns jornalistas amigos da casa; não se pedia mais para deputados da oposição, mas ligados ao Sistema, que fizessem discursos contundentes na Assembléia e no Congresso. O senador Franco Montoro havia parado de receber material contra o governador que, a bem da verdade, há que se reconhecer, o senador nem desconfiava de onde vinha. E agora, finalmente, a instrução de sempre enviar um oficial de patente superior às recepções e homenagens que se prestavam a todo momento ao governador. Era seu caso hoje à noite. Ele tinha que ir representar o SNI na casa de um libanês milionário que ia oferecer uma badaladíssima recepção em homenagem a Paulo Maluf. É, sem dúvida, alguma coisa estava mudando. Mas para que e por que ele não sabia e como sabia que não devia fazer perguntas nem deixar ninguém perceber que ele havia detectado isso, ficava quieto.

Foi nesse jantar que conheceu a filha de Palma. Jovem bonita, inteligente, bastante culta e muito irreverente, principalmente com os militares. Ele ficou boa parte da noite conversando com ela, já que haviam sido colocados na mesma mesa. Eram mesas de oito lugares e a sua era bem próxima da do governador, que toda hora o mimoseava com um sorriso ou com algum dito gentil. Ao fim do jantar, vários convidados se dispuseram a ir uma boate e o coronel foi convidado. A filha de Palma também ia. Como ele não tinha o que fazer no domingo, resolveu aceitar. E assim começou um romance que iria ter trágicas conseqüências para muita gente. Na semana seguinte, foi convidado para um jantar na casa de Palma. Não eram muitos convidados, mas o governador lá estava. Também estava a filha do anfitrião. Novas gentilezas do governador, o que irritava Neiva, já que Maluf não tinha nem sutileza nem finesse. Essa irritação acabou por cativar a moça, que praticamente intimou o coronel a levá-la para jantar dois dias depois. Daí para frente passaram a estar juntos pelo menos três vezes por semana e nos fins de semana era sempre certo que ela dava um jeito de aparecer no Rio ou no Guarujá.

O conflito entre árabes e judeus nunca sensibilizou muito o coronel. Ele acompanhava isso profissionalmente. Pessoalmente achava que quanto mais uns matassem aos outros melhor seria para o mundo e particularmente para o Brasil. Ele sabia, inclusive por força de atividade profissional, que tanto uns como outros faziam muito mal ao país e que, a se prolongar essa ascendência dos dois grupos sobre o Brasil, dentro em breve pouco haveria a ser feito para poder se livrar do predomínio econômico que eles iam impondo à Nação. Ele não aceitava e não concordava com a passividade do Governo ante essa situação e não via com bons olhos a impunidade de muitos testas-de-ferro que agiam dentro do país em nome dos dois grupos. Também não aprovava o crescimento desabusado da atividade sionista apoiada por quase todos os bancos brasileiros nem concordava com o constante fortalecimento dos grupos econômicos árabes, que se fixavam cada vez mais apoiados pela chantagem

do petróleo. Ele tinha consciência que tanto os judeus como os árabes, que afinal de contas eram primos, eram dois grupos predadores e segregacionistas. Eles é que não se diluíam, nem absorviam a cultura e a população local, ao contrário do povo brasileiro, que normalmente não levantava restrições a nenhuma das duas etnias. E foi por causa desses seus pontos de vista que ele ficou muito preocupado quando em um desses fins de semana, no Rio de Janeiro, no seu apartamento, em Ipanema, pouco antes de irem para a praia, no meio de uma conversa, Cristhiane lhe disse que estava sendo elaborado um contrato para fornecimento de urânio ao Iraque. Aquilo foi um choque e ele não acreditou. Manifestou seu ceticismo, mas quase caiu para trás quando ela lhe disse que dois dias atrás seu pai e mais três advogados haviam varado a noite, na sua casa, fazendo uma minuta que tinha que ser entregue ao governador paulista tratando justamente desse fornecimento.

Na segunda-feira cedo, Neiva foi direto ao gabinete do chefe da Agência, um general da ativa, que não era dos mais brilhantes, mas que não criava maiores problemas, já que, como ele mesmo sempre dizia, estava no posto apenas à espera da terceira estrela e que depois, com o maior prazer de sua vida, teria muita satisfação em ser transferido para qualquer outro lugar que não tivesse nada a ver com informações. O coronel não podia dizer que respeitava ou que gostava muito do gal. Marcondes. Para o seu gosto, o general era muito tímido. Nunca assumia uma responsabilidade. Achava-o muito submisso e subserviente aos superiores. Embora entendesse essa subserviência, sem a qual jamais Marcondes teria chegado a general nem seria promovido agora, a reprovava. Para ele, devia haver um mínimo de decência entre os oficiais e assistia impotente e incapaz esse padrão moral ser paulatinamente liquidado dentro das Forças Armadas. Sem isso era muito difícil se chegar às platinas do generalato. As caronas que ele já tinha visto nas promoções dos coronéis para general o deixavam muito assustado. Foi por isso que ele relutou muito em ir falar com o chefe da Agência antes de determinar uma investigação completa em torno da informação que recebera na véspera. O assunto era muito quente para ser mantido no seu nível. Ele poderia ter falado direto com o seu chefe em Brasília, o cel. Ary, mas considerou isso uma deslealdade com o seu chefe imediato. A conversa, como ele previra, não foi boa. O general pulou. Não queria confusão na área. Isso era uma bomba de muitos megatons e ele não estava disposto a explodir com ela. Proibiu Neiva de fazer qualquer coisa por escrito e disse que iria se entender com o gal. Newton, chefe da Agência Central, e que depois daria instruções.

À tarde, o gal. Marcondes convocou Neiva para seu gabinete. Disse que havia falado com o gal. Newton e que este ficara muito irritado, mas como o ministro-chefe do SNI não estava em Brasília, não havia outra instrução que manter o silêncio e que o chefe da Agência Central queria saber qual era a fonte. Isso já era demais para Neiva, principalmente face ao

[redacted] relacionamento emocional com Cristhiane. Ele se recusou a abrir a [redacted] e pela primeira vez teve uma altercação violenta com o gal. Marcondes. Esse insistia na tese de que era uma ordem do chefe da Agência Central e que deveria ser cumprida. Neiva insistia em que esse tipo de ordem [redacted] de informações não resistia a uma representação. No final, depois de mais de duas horas de discussão, eles se despediram muito mal, inclusive com Marcondes ameaçando o coronel de insubordinação e de todas as punições possíveis e inimagináveis.

Tarde da noite, quando já dormia, Neiva recebeu um telefonema de Brasília. Era o chefe de operações da Agência Central, cel. Ary, conhecido como Aryzinho, que pediu a Neiva que voasse no dia seguinte cedo para Brasília e que mantivesse a calma. Neiva explicou que era praxe não se [redacted] as fontes e que fora ameaçado pelo general de ser enquadrado no Código Militar, no parágrafo de insubordinação, e que ele, infelizmente para o gal. Marcondes, não aceitava esse tipo de chantagem. Aryzinho procurou tranqüilizá-lo, dizendo que não era nada disso, que Marcondes era muito medroso e que jamais ele seria enquadrado em qualquer parágrafo de qualquer código, muito menos o disciplinar, mas que esse caso era muito especial e que ele deveria se portar com muito cuidado e que para tanto era importante que ele fosse a Brasília. Neiva, mais por instinto do que por qualquer outra coisa, pediu que a sua convocação fosse feita oficialmente, isto é, como de hábito, por telex, já que ele não queria mais se aborrecer com Marcondes. E assim eles se despediram, ambos muito preocupados. Ary com medo que Neiva chegasse ao assunto, já que ele sabia da competência do homem e Neiva, certo mais do que nunca de que havia uma tremenda sujeira no meio disso tudo e que talvez explicasse a modificação no comportamento do Governo Federal com relação a Paulo Maluf. O certo é que ele não conseguiu mais dormir aquela noite. Logo cedo preparou a maleta que usava para essas viagens curtas e foi para a Agência. Para sua surpresa, durante todo o dia não chegou nenhuma convocação chamando-o a Brasília nem ele conseguiu falar com Marcondes. O que foi mais estranho ainda é que da última vez que insistiu em se avistar com o chefe da Agência de S. Paulo, o general mandou lhe dizer que falaria com ele depois do almoço. Saiu para almoçar e não voltou mais. Ele ficou na dúvida se ligava para Aryzinho ou não. Decidiu pela negativa. Em vez disso ligou para Cristhiane. Ele tinha que se situar melhor.

Um pouco antes do fim do expediente ele recebeu a nova lista de beneficiários da operação Banespa. Como ele tinha tempo, já que apenas iria se encontrar com Cristhiane depois das 21 horas, resolveu dar uma nova olhada em todos os nomes da operação. Às vezes, quem sabe. Talvez essa lista explicasse algumas coisas que ele não entendia. Essa operação era mais uma das invenções do governador e que bem fazia justiça à sua inteligência. Ainda que a coisa fosse temerária, era brilhante e, ainda

que terrivelmente perigosa, era fantasticamente eficiente.

O governador, através do Banco do Estado, montara um esquema perfeito de corrupção, muito eficiente e de difícil comprovação. Como tudo que é eficiente, esse sistema era simples. Segundo o grau de importância dos homens, eles tinham direito a fazer empréstimos no Banco. O montante desses empréstimos variava entre um e trinta milhões, às vezes até mais. O prazo era de 90 dias, dentro da melhor praxe bancária, com juros abaixo da tabela geral dos bancos privados, coisa de 4% ao mês, já que o Banespa dispensa toda a reciprocidade tão exigida por todos os banqueiros, como saldo médio, compra de ações, seguros, compra de passagens nas agências de turismo do banco, etc. Acontece que esses privilegiados clientes do Banespa não levantavam o dinheiro. Eles faziam as promissórias, com dois avais, tudo direitinho, e assinavam em seguida uma autorização para a financeira do Banespa aplicar esse dinheiro. As aplicações eram sempre feitas a 10% ao mês, o que dava uma diferença de 6%, ou seja, uma suplementação salarial para o favorecido nunca menor do que 60 mil cruzeiros por mês. Na lista havia de tudo. Senadores com até 20 milhões, deputados federais com até 15 milhões, deputados estaduais com até 10 milhões, vereadores da Capital com até 8 milhões e outros de cidades pequenas com apenas um milhão. Havia ministros com até 30 milhões. Tinha uns 10 generais com 10 milhões cada um. Outros generais com 5. Coronéis e majores variando entre 3 e 15 milhões, dependendo da função. Ele se lembrou que uma vez, de maneira muito sutil, um dos assessores do governador, esse sim era inteligente, havia até sido diretor da Ericsson, lhe havia insinuado que ele poderia levantar 15 milhões, como aliás o seu colega do Rio, da mesma função havia levantado. O genial disso, no entanto, era o prazo e a garantia do banco. Ele nunca perdia o dinheiro já que ficava na financeira. O beneficiado sim é que estava eternamente preso. Quando ele não atendia aos desejos do governador que, diga-se a bem da verdade, não eram poucos, ele ou não conseguia renovar o empréstimo ou então via, na renovação, sua taxa de risco ser reduzida conforme a gravidade da falta que cometia. O grau da taxa de risco, na renovação, e havia muitas delas todos os dias, era sempre arbitrado pelo próprio governador. Assim, de uma lista para outra, não era surpreendente se encontrar alguns empréstimos aumentados e outros diminuídos. Houve um general, por exemplo, que apareceu na primeira lista com 10 milhões. Na segunda caiu para 5 e na terceira conseguiu voltar aos 10. Isso significava que ele havia cometido uma falta considerada grave pelo governador, mas que depois conseguiu se redimir. Como era um general que influía muito sobre transferências de oficiais do Exército, não era difícil de se imaginar o que poderia ter acontecido. Como nessa operação o general recebia 600 mil cruzeiros por fora, o que significava pelo menos o dobro de tudo que ele recebia do Exército, inclusive as mordomias, era perfeitamente compreensível o recuo do militar. Esse

nunca mais daria dor de cabeça ao governador. Outros, por outro lado, haviam saído das listas para nunca mais voltar. Eram os que passavam para a reserva ou que eram transferidos para funções que precediam suas reformas, principalmente quando tinham por uma razão ou outra caído em desgraça junto dos donos da corporação. Quando os transferidos para a reserva tinham prestígio e conceito no meio militar, no Planalto e no meio político, e apresentavam potencial, eram imediatamente contratados por uma ou outra empresa do Governo do Estado, quando não aquinhoados diretamente com um contrato de assessoria por algum órgão da administração direta. Às vezes isso não interessava nem ao militar nem ao governador, já que um relacionamento mais aberto deixaria a descoberto qualquer jogada que pudesse ser feita em benefício do governador. Para isso, havia o esquema das empreiteiras ou de outras firmas que dependiam de uma forma ou de outra dos favores do Estado. Nesses casos havia até alguns coronéis e generais que entraram direto no quadro da diretoria de algumas dessas empresas. Havia ainda o esquema de contratar filhos ou esposas ou sobrinhos ou irmãs de algum militar cuja docilidade era importante.

O cel. Neiva examinou longamente as listas. Elas eram muitas e ele se surpreendeu como havia perdido a noção da quantidade de pessoas envolvidas nesses favores. A coisa, de há muito, já passava da casa dos dois mil. Isso era realmente surpreendente e mais surpreendente ainda é que todas as autoridades e todos os serviços de informações sabiam disso e não acontecia nada. Havia gente demais envolvida no assunto e a onda que se seguiria a qualquer providência mais séria seria muito forte para o Governo Federal resistir. Ele se lembrou que logo que isso foi levantado pelo SISA – Serviço de Informações e Segurança da Aeronáutica – foi um verdadeiro Deus nos acuda. Mas acabou dando em nada e o argumento final na reunião da cúpula do SNI foi de que o pessoal da Aeronáutica havia feito isso porque eles estavam fora do esquema. Realmente não havia muitos da FAB na lista. Da Marinha também não havia quase ninguém. Por isso é que se dizia que era uma operação exclusiva do Exército à qual tinham acesso apenas alguns protegidos das outras duas armas.

Por mais que ele examinasse a lista e por mais que crescesse sua revolta ao ver os nomes, ficou frustrado. Não conseguiu localizar nada que ligasse alguém a uma presumível operação de minério estratégico. É lógico que havia muitos oficiais do SNI na lista, inclusive de S. Paulo, mas nenhum deles, que ele se lembrasse, com acesso a essa área. Os oficiais que cuidavam disso especificamente, além de técnicos razoavelmente competentes, sempre haviam mostrado uma linha boa de comportamento e principalmente o chefe do setor, um coronel da FAB que, mais por formação do que por qualquer outra coisa, levava uma vida bastante modesta. Frustrado ele foi ao encontro de Cristhiane.

MEDEIROS DIANTE DO ESPELHO

O gal. Medeiros passou boa parte da manhã examinando o Almanaque do Exército. Ele era o 19º na lista de promoções para general de Exército e era mais do que evidente que ele jamais chegaria à quarta estrela antes de 1984 e isso limitava muito ou, pode-se mesmo dizer, liquidava suas esperanças de ser o futuro presidente da República. Era demais pretender que se repetisse a manobra feita para promover João Figueiredo e assim permitir sua ascensão à Presidência. As condições hoje eram diferentes e os presidentes nem se fala. Em fim de mandato, nenhum alto comando iria se vergar ao desejos de João Figueiredo, como ocorrera antes com Geisel. Figueiredo hoje, na metade do seu mandato, já estava na descendente, ao passo que seu antecessor, principalmente por sua estatura moral e dignidade, exercera o poder até o último dia de seu mandato e foi exatamente essa força pessoal, tão ausente do seu sucessor, que lhe permitira fazer tudo que fez para indicar seu sucessor.

Por mais que ele procurasse caminhos, só via uma maneira. Era necessário modificar as regras do jogo da expulsória. Cinco generais de divisão que estavam na sua frente deveriam ser afastados. Sem isso, ele jamais chegaria à estrela que poderia lhe assegurar o Planalto. Ele vinha examinando com muita atenção as fichas dos 19 generais que estavam na sua frente. Eram trabalhos bastante bons sobre a vida desses 19 homens que o SNI mantinha trancados em seus arquivos mais secretos. Ali tinha de tudo. Casos amorosos extraconjugais, deslizes na carreira, empregos conseguidos para parentes através de tráfico de influências, viagens graciosas ao interior e exterior, empréstimos em bancos particulares ou oficiais, declarações de imposto de renda até de familiares e afins bem esmiuçadas. Ali havia de tudo para todos os gostos.

Antes de começar a manobra para tirar das mãos do Alto Comando do Exército o poder de decisão sobre a escolha dos nomes, tinha que escolher os cinco que deveriam ser afastados. Dentro do seu raciocínio, correto dentro da conjuntura em que ele vivia, era importante que esses cinco fossem os melhores, os que tivessem fichas mais limpas. Com os outros seria mais fácil compor, inclusive em termos de oferecer compensações econômicas traduzidas por nomeações de filhos, parentes, amantes, ou dos próprios interessados para embaixadas, tribunais ou mesmo empregos muito bem remunerados em empresas civis que dependessem do Governo. Finalmente, depois de muito relutar, ele separou cinco fichas. Ainda não era a escolha final, mas já era um princípio de triagem. Um pouco mais satisfeito, trancou tudo na gaveta da direita da sua mesa.

Acendeu um cigarro e começou a analisar a conversa que tinha tido com o gal. Newton a respeito do Abyssamra. A ficha dele estava a sua frente. Não era lá essas coisas. Havia até um processo de estelionato arquivado pela 13ª Vara Criminal do Rio de Janeiro. Ele conhecia a figura. Jantara com ele algumas vezes e inclusive, por duas delas, em excessos dos quais hoje se arrependia, havia se envolvido em programas de mulheres no Hotel Everest, no Rio de Janeiro. Esse era o homem que havia sido indicado pela Capemi para montar a firma que lhe iria repassar os 600 milhões de cruzeiros. O Nini, como era conhecido na intimidade o gal. Newton, lhe assegurara a total confiabilidade de Abyssamra, que entre outras coisas, era casado com uma sobrinha do chefe da Agência Central. Era uma decisão difícil de ser tomada, mesmo porque já não havia mais muito tempo. A concorrência de Tucuruí estava para sair, bem como a carta patente do banco de investimento, que lhe valeria outros 150 milhões de cruzeiros. Ele precisava desesperadamente desse dinheiro para dar andamento a sua campanha. Sua preocupação era ainda maior depois de ter recebido informações de que o gal. Costa Cavalcanti, presidente da Eletrobrás de Itaipu, finalmente havia decidido também tentar a Presidência e desssa concorrência Medeiros tinha medo. A sua intuição dizia para não aceitar o nome, mas a pressa o aconselhava a se decidir a favor. Montada a firma, em cinco dias ele receberia os 600 milhões e logo depois os outros 150. O Nini inclusive propusera como segundo nome para a empresa a mulher ou o sogro de Abyssamra, que era seu irmão. Isso podia ser inclusive uma garantia extra de segurança. Ainda que relutante, sempre a sua intuição lhe dizendo para não fazer, resolveu aprovar os nomes, mas o segundo seria o da mulher, já que o pai dela, a essa altura, já havia sido contratado para um alto cargo na Capemi Agroindustrial. Não era bom misturar funções.

Ele mesmo resolveu fazer a ligação para a Agência Central. Pelo telefone vermelho, que era uma central teletônica privada, ligando todo primeiro escalão do governo, tentou falar com o Nini. Ninguém atendia na sala do chefe da Agência Central. Ele já se irritou. Mandou seu chefe de gabinete localizar o gal. Newton. Ninguém achava o homem. Estava em hora de almoço. Logo depois veio a informação de que ele estava jogando peteca. Como ele se achava muito gordo, em vez de almoçar, ia jogar peteca com algum infeliz que escalava a seu bel prazer. Mandou alguém ir interromper o jogo de peteca. Logo depois Nini estava no telefone. Ainda irritado, autorizou o início das atividades da empresa, ressalvando que o nome do outro sócio seria o da mulher. A máquina daí para frente começou a andar.

À tarde, Medeiros foi ao gabinete do presidente. Tinha que começar a manipular o problema da expulsória e, para sua sorte, o chefe do Gabinete Militar, gal. Danilo Venturini, era um dos que, pelos critérios atuais, seria atingido pela cota dos generais de brigada e aparentemente, nada

havia para se fazer a respeito, a menos que se modificasse a lei e era isso que ele tentaria fazer com muita habilidade. O pretexto era excelente.

– Figueiredo, eu estou preocupado com o futuro do Venturini.

– O Venturini? O que é que há com ele? Está doente?

– Não. Não é nada disso. É que ele cai na expulsória na próxima cota.

– É mesmo. Como é que nós vamos fazer?

– O que preocupa é que trocar um homem nesse cargo nesta altura complica muitas coisas.

– Não tem saída, Medeiros. Você vê algum caminho?

– Não sei, eu vou pensar e depois eu falo com você.

A primeira pedra havia sido mexida e com êxito, há que se reconhecer.

Medeiros amanheceu o dia seguinte no Rio. Como de hábito chegou à agência antes das 9 horas. Agüentou com galhardia o beija-mão. Desde que assumira as funções de ministro-chefe do SNI, havia instituído o hábito de fazer todos os chefes da seção cumprimentarem-no pessoalmente toda vez que se encontrava em alguma das numerosas agências do Serviço espalhadas pelo País. Ele achava que isso aproximava os subordinados e desenvolvia neles um sentido mais profundo de fidelidade. Achava também que com isso ia conhecendo melhor os seus colaboradores. Ele sempre interferia pessoalmente em designações, transferências e novas contratações para o SNI. Ele era muito cioso de suas prerrogativas, bem como queria saber quem eram os homens que comandava. Acreditava que assim fazendo podia tirar de cada um deles o máximo possível.

Depois se deteve em conversa de quase uma hora com o chefe da Agência. Era um general de brigada, da ativa, que não era da área de informações. Havia sido chefe do Estado-Maior do III Exército à época em que era comandado pelo gal. Antônio Bandeira e havia firmado uma boa reputação de correção e lealdade. Ele estava atualmente na função apenas à espera da terceira estrela. Após a promoção, deixaria o Serviço para assumir algum comando na tropa. Embora não fosse homem de sua confiança, Medeiros achava boa a presença de Dominguez, já que além de não atrapalhar, uma vez que normalmente não se envolvia muito, emprestava sua respeitabilidade que servia de cobertura para muitas coisas não muito ortodoxas que aconteciam na Agência, principalmente na área de operações. A área de operações era um problema para o ministro. Ele já havia começado a separá-la do corpo das agências. Em Brasília, já havia conseguido colocar Aryzinho, chefe de operações, com seu pessoal em um edifício separado da Agência Central, ainda que construído ao lado do edifício principal, mas fisicamente já separada. Ele sabia que nos Estados seria mais difícil. Alguns chefes não iriam gostar. Ele então imaginou iniciar o processo pelo Rio e passou essa hora inteira explicando, com muito cuidado, a sua tese a Dominguez. Medeiros partia do princípio que conseguindo isso no Rio, pelo exemplo, ficaria mais fácil proceder a operação no resto do Brasil. Satisfeito de ter conseguido convencer Domin-

guez, quando esse saiu do seu gabinete, mandou chamar o cel. Aguiar, chefe de operações locais.

Ainda que Medeiros gostasse de Aguiar, não tinha muita confiança nele. Sabia que o coronel tinha desenvolvido paralelamente ao seu trabalho da agência três operações totalmente particulares. Ele operava muito ativamente no aeroporto internacional do Galeão, onde mantinha uma equipe para desembaraçar bagagens. Com isso, desenvolvia um lucrativo negócio de contrabando, que mesmo sendo modesto, dava-lhe um bom reforço de caixa não contabilizado nem declarado. Com isso, ele tinha a sua disposição cerca de 10 homens, que mesmo sem serem do SNI, eventualmente prestavam serviços que não podiam aparecer nos relatórios da agência. A segunda operação era em torno da caixinha do jogo de bicho. Com a indicação do gal. Muniz para secretário da Segurança Pública do Estado, o coronel havia colocado alguns homens de sua confiança em postos-chaves da Polícia e mantinha uma discreta arrecadação dos bicheiros em um escritório da av. Churchill, que oficialmente pertencia a seu filho, um eterno estudante de engenharia. Sua terceira atividade era ligada ao governador paulista. Tendo se introduzido na intimidade do genro de Paulo Maluf, representava a construtora Andrade Gutierrez junto ao Governo daquele Estado. Com esse contrato, Aguiar havia cortado muitas de suas atividades anteriormente centradas em tráfico de influência e que às vezes o deixavam muito exposto, como em um caso ocorrido na VASP, em que se envolveu um aventureiro chamado Vicente Bonnardi, que em sociedade com Aguiar havia montado uma empresa em New York, de nome Hemisfeer e que custara à companhia de aviação aproximadamente 300 mil dólares. A coisa esteve a ponto de se transformar em um grande escândalo, mas fora tudo resolvido pela interferência direta de Aryzinho junto à diretoria da empresa. Medeiros estava mais ou menos tranqüilo com relação a isso tudo, já que o coronel, sendo inteligente, sabia manter a proporção devida desses negócios e por causa deles estava praticamente de pés e mãos atados, não havendo assim muito risco de indiscrições ou mesmo de traições.

– Aguiar, era bom você ir a S. Paulo e falar com o Maluf. A história do "yellow cake" transpirou.

– Como assim, general? Essa operação está fechadíssima. Nem o pessoal da agência de S. Paulo sabe disso.

– Pois é, mas o Neiva, não sei como, chegou ao assunto e o levou ao conhecimento do Marcondes. Esse comunicou ao Nini. O Nini aloprou e quase põe tudo a perder.

– Esse Neiva é um perigo. Eu já falei ao gal. Newton que tinha que tirar ele daquela área. Ele é muito independente.

A diferença entre Aguiar e Neiva era antiga. Desde a época da revolução de 1964. O comportamento do então tenente Aguiar não fora bom e Neiva não fizera mistérios disso. Ao longo dos anos novas divergências

os afastaram ainda mais. Quando Neiva foi para o SNI, aí é que tudo se complicou de vez.

– É, mas agora ele tem que ficar por lá. Semana que vem ele vai ser chamado a Brasília. Nós vamos dar um jeito na sua curiosidade.

– O que é que o senhor quer que eu diga ao governador?

– Diga a ele que o vazamento foi na área dele e que isso é intolerável. Deve haver um controle ainda mais rigoroso disso tudo daqui para frente. Eu preciso saber quem são os homens do Maluf que estão a par disso para tentar ver de onde saiu a informação.

– Não é mais fácil perguntar ao Neiva, general?

– Ele se recusou a abrir a fonte e o Marcondes pressionado pelo Nini fez uma verdadeira confusão. Ameaçou-o inclusive de insubordinação. Isso foi uma besteira das grandes. Eu quero que você vá ainda hoje para S. Paulo.

– Pois não, general. O senhor quer que eu vá à Agência em S. Paulo?

– Não. Você deve inclusive viajar com os meios próprios, aqueles que você usa às vezes.

Aguiar não acusou o golpe mas sorriu. Eles se entendiam bem.

Praticamente na mesma hora em que o gal. Medeiros mandou avisar seu filho que ia almoçar na Petrobrás, o cel. Neiva recebeu a informação de que o cel. Aguiar havia desembarcado no aeroporto de Congonhas, onde fora recebido por um tenente da Casa Militar do Governo do Estado e seguido em carro oficial para a casa do genro do governador. A escuta no telefone do jovem Fuad era permanente, mas as gravações, salvo instruções específicas, só eram entregues no dia seguinte. Neiva mandou colocar fitas cassete e deu ordens para serem encaminhadas imediatamente para seu gabinete. Foi assim que ele ficou sabendo que o coronel tinha um assunto urgente e importante para tratar com o governador, da parte do gal. Medeiros e que o encontro poderia ser feito à conveniência do governador, em qualquer lugar, exceto o Palácio dos Bandeirantes. Cerca de uma hora depois Paulo Maluf chegou à casa do seu genro.

Enquanto isso, Medeiros iniciava o seu difícil passe de mágica com o presidente da Petrobrás. Medeiros não gostava de Shigeaki Ueki, mas não havia como derrubar o "enfant gaté" do ex-presidente Geisel. Não podendo destruí-lo, conseguiu colocar seu filho como assessor do japonês. Este, como era muito mais inteligente que o general, não teve dúvidas em colocar o jovem na chefia do seu gabinete. Daí para frente, a convivência do general e do presidente ficou mais fácil. A comida no restaurante da Petrobrás, a maior empresa do Brasil e uma das maiores do mundo, não ficava nada a dever para qualquer restaurante de cinco estrelas. As bebidas estrangeiras eram da melhor qualidade e os vinhos sempre muito bem escolhidos. Aquele dia, para acompanhar o extraordinário entrecote à Daniel, foi servido um esplêndido Nuits de San Georges. Aquele almoço era importante para fechar todas as comportas da operação "yel-

low cake" já que Medeiros ainda não sabia da extensão nem da origem do vazamento ocorrido em S. Paulo. Durante mais de uma hora, ele ficou explicando a Ueki das vantagens dessa operação, já que daí para frente o Brasil receberia todas as garantias de fornecimento de petróleo para o País a preços privilegiados. Ele explicou também que a transação fora feita por intermédio do governador paulista para salvaguardar o Governo Federal de qualquer eventual fracasso. É lógico que Ueki se mostrou encantado com isso, mas quando Luiz Carlos acompanhou seu pai até a garagem para colocá-lo no carro, Medeiros disse-lhe que não ficara convencido da reação da Ueki. Luiz Carlos reagiu defendendo o japonês. O general se irritou e disse:

– Quantas vezes eu tenho que lhe repetir que os japoneses têm sete faces e apenas mostram a primeira e isso não sou eu quem inventou. Eles mesmos admitem o fato e com muito orgulho.

Já no carro, voltando para a agência, pensou que estava na hora de tirar o garoto de lá. O japonês realmente havia feito um bom trabalho. Conseguira deslumbrar o menino com toda a mordomia que tinha posto a sua disposição, culminando com a viagem ao Japão em que tinha levado Luiz Carlos e sua mulher e proporcionado honras a ambos que acabaram por liquidar com qualquer reserva que pudesse haver em relação à amizade pessoal do presidente para com seu chefe de gabinete e sua presunçosa mulher.

A REAÇÃO JAPONESA

Já era quase noite e Ueki ainda não havia digerido aquele almoço. Intuitivamente ele sempre soubera que havia qualquer coisa mais além do que aumentar as exportações de S. Paulo, pretexto usado oficialmente por Paulo Maluf para ir a vários países, inclusive o Iraque. Essa certeza cresceu quando Ueki alertou o presidente da República e o próprio Medeiros para o risco da viagem assim que soube do projeto e não sentiu qualquer reação ou preocupação. Apenas o chefe do SNI o tranqüilizou dizendo que tudo estava sob controle e que não haveria qualquer risco de o turco se envolver em assuntos da Petrobrás ou qualquer uma de suas muitas subsidiárias. Agora não só Medeiros vinha lhe dar uma série de explicações, como ficara evidente que ele lhe havia mentido antes. Alguma coisa de muito grave havia acontecido nisso tudo e por qualquer razão que Ueki não sabia, subitamente seu envolvimento no assunto se tornará necessário. Não havia outra explicação para esse almoço. O general fora gentil demais, inclusive, contrariando toda sua maneira de ser, tentando se tornar íntimo.

Quando Hideo Onaga entrou no seu gabinete, Ueki resolveu discutir o assunto. Ele precisava desesperadamente descobrir o que havia atrás disso tudo. Os riscos eram muito grandes para uma compensação tão pequena. Hideo Onaga, também filho de japoneses, era o assessor principal de Ueki e homem de sua maior confiança. Não havia nada de sua vida que esse não conhecesse. Inclusive todos os negócios acertados por fora e os controles dos vultosos depósitos que os dois mantinham no exterior eram controlados por Hideo. Ao saber o que tinha se passado no almoço, Hideo ficou terrivelmente assustado.

– Mas Ueki, isso é uma loucura, a maior que já ouvi em toda minha vida.

– É isso mesmo, mas o que estará na verdade por trás disso tudo? Dinheiro não é, senão nós já teríamos sabido.

– Você já pensou o que vai acontecer com os créditos do Brasil no Exterior na hora que isso for divulgado – e você não tenha dúvida que será.

– Os judeus vão fechar todos os bancos para nós. Não conseguiremos nem dinheiro para pagar os juros da nossa dívida externa.

– A coisa realmente deve ser muito grande ou então ficaram todos loucos.

– Nós precisamos descobrir o que acontece, mas com muito cuidado. Se não formos hábeis, o Medeiros saberá imediatamente que estamos investigando. Essa história não entra na minha cabeça. Não tem sentido dar tanta força ao Maluf. Eles praticamente ficaram devendo a alma ao turco.

– A gente precisa ir muito devagar. Além do SNI, há também o DEOPS de São Paulo que é muito bom e o seu diretor é outro turco, o tal do Romeu Tuma.

– Alguma coisa saiu errada, senão ele não vinha me contar toda essa história, ficando inclusive de mentiroso.

– É lógico que você não disse isso a ele.

– Eu não. Ele é muito burro. Assim não fosse, não chegaria a general. Sabe que mais. O que me assusta com esses milicos é que na última hora eles sempre acabam fazendo uma besteira. O mal do militar é que ele passa pelo menos 30 anos de sua vida sendo condicionado a obedecer e a receber ordens e por causa disso perde a condição de ser o recurso final. Quando não tem ninguém para lhe dizer o que e como fazer é aquele desastre. É só você olhar para o que eles fizeram no Brasil. Estão quase conseguindo liquidar com o País e nem estão se apercebendo disso. Eu tenho muito medo quando essa gente se mete a resolver problemas.

– Eu estava pensando justamente nisso. Acho que há alguém manobrando isso tudo por trás e não é o Paulo Maluf. Ele não é sutil a esse ponto. Tem que ser um outro.

É, pode ser que você tenha razão. A gente precisa descobrir, senão isso tudo ainda acaba sobrando para nós.

– E como?

– E como é que eu vou saber? É intuitivo. Lembra que eu lhe disse quando o turco viajou que o assunto não me estava cheirando bem. Pois bem. Sinto a mesma sensação. Se não for tudo, pelo menos parte disso é capaz de sobrar para a gente.

– É preciso descobrir isso de qualquer forma. Mas como? É perigoso mexer nisso.

– Acho que você deveria dar uma volta por Londres, Paris, Iraque e Arábia Saudita. Com jeito, é capaz de se ficar sabendo alguma coisa.

– Você acha que eu posso falar com aqueles nossos amigos que transam com a judeuzada?

É perigoso. O Medeiros foi adido militar em Israel por dois anos. Todo mundo sabe que ele sempre fez as jogadas do Mossad no Brasil.

– É, mas esse pessoal é contra o atual primeiro-ministro judeu.

– Esse negócio de contra ou favor, Hideo, em área de informações não funciona. Eles não têm o menor senso de lealdade e ética com as pessoas. O negócio deles é informações e não importa a que custo. É uma gente em quem não devemos confiar. Temos que usá-los, porque no fundo eles não passam de milicos e como tal são facilmente manipuláveis. Nós temos manipulado eles ao longo desses anos todos e temos tido êxito exatamente porque não acreditamos nem confiamos em nenhum deles.

– Então como é que vamos fazer? As fontes árabes não são lá essas coisas e você melhor do que ninguém sabe disso. Você quase cai da Petrobrás porque acreditou naquele pessoal da Líbia.

– É, você tem razão. Você faça o seguinte: invente uma história qualquer e leve o filho do Medeiros nessa viagem com você. Ele participou do almoço e eu percebi que ele sabe mais desse assunto do que aparenta. Mas não diga que vocês vão para o Oriente Médio. Quando você estiver na Europa, eu dou uma ordem para vocês resolverem qualquer problema na Arábia e no Iraque. Precisa é inventar uma história qualquer que seja plausível.

– Não precisa nada. Esse moleque por uma viagem faz qualquer negócio.

– É, mas agora o pai dele está no meio e o assunto é muito sério para que corramos riscos desnecessários.

– Pode deixar que eu vou pensar e nesses dois dias acertamos tudo.

A TRAMA NUCLEAR

Naquela tarde, quando Neiva soube que Medeiros estava no Rio, logo entendeu a presença de Aguiar em S. Paulo e o encontro com Paulo Maluf. Aliás, após seu último encontro com Cristhiane, ele chegou à conclusão de que

o assunto era realmente sério e que ele se havia metido em um vespeiro. O silêncio de Brasília e a evidente intenção de Aryzinho em evitá-lo eram sintomas perfeitamente diagnosticáveis de que por um acaso infeliz ele havia entrado em uma área de muita turbulência e que certamente as suas asas é que seriam as que iriam se quebrar. Até o gal. Marcondes estava evitando-o, não que o general fizesse falta no prosseguimento do trabalho, mas é que também era outra indicação de que as coisas não iam bem. Crises ela já tinha tido antes, até mesmo com o Nini, mas no fim, o Aryzinho, que era quem mandava no Nini, acabava ajeitando tudo. Essa não! Essa estava com todas as características de ser coisa muito séria. Neiva sentiu que precisava andar muito depressa, senão iria ser atropelado pelos acontecimentos. Mas como? Ele se sentia ilhado, como se tivessem erigido ao seu derredor muros intransponíveis. Foi por isso que quando Cristhiane ligou ele resolveu interromper contatos. O seu caso com a filha de Palma, mais cedo ou mais tarde, e o que era grave, provavelmente bem mais cedo, acabaria por levar o pessoal de Medeiros à sua fonte. Mas como interromper, sem magoar a moça e sem perder essa fonte? Era mais um dilema que se punha para sua solução nessa tarde chuvosa de S. Paulo. Ele pegou uma folha de papel e começou a traçar o organograma do problema com os poucos dados de que dispunha. Foi só no fim do expediente que chegou o telex convocando-o para ir a Brasília na próxima 2ª feira. Já tarde da noite, ele recebeu a informação de que o cel. Aguiar, em vez de embarcar para o Rio, havia seguido no vôo das 21 horas da VASP para Brasília. O que Neiva não sabia é que ele levava a minuta do protocolo a ser assinado entre o governo do Estado de S. Paulo, com anuência do Itaramati, com o Iraque, reatando as condições de venda de urânio.

No dia seguinte pela manhã, Neiva recebeu uma ligação do cel. Hernani Amorim, superintendente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, a quem já conhecia há muito, e que lhe pedia um encontro com urgência. Resolveu encontrar-se com o técnico fora do SNI, era mais seguro. Marcaram um almoço em pequeno restaurante da rua Basílio da Gama, onde, além da discrição, a boa comida era outro atrativo. Durante o almoço, Neiva ficou sabendo que o IPEN tinha recebido instruções de trabalhar 24 horas por dia para produzir no menor prazo possível de tempo 70 toneladas de dióxido de urânio e que, para isso, havia recebido, de uma só vez, em 48 horas, numerosas peças sem as quais o laboratório do Instituto não teria condições de processar a encomenda. Junto com a encomenda, o cel. Hernani havia recebido instruções taxativas de manter sigilo quanto ao assunto, bem como armazenar o minério em determinado lugar que nem ele sabia qual era, já que o transporte era feito por caminhões não identificados. O acondicionamento do minério era feito em tonéis, já que ele saía do laboratório em pó. Neiva ficou também sabendo que esse tipo de urânio é o mais indicado para ser enriquecido, e,

portanto, quem o estava comprando certamente estava se preparando para produzir bombas atômicas ou já as estava produzindo. Ainda que Neiva não tenha dito a Hernani sobre a venda do minério ao Iraque, sentiu que seu amigo estava muito preocupado e o que é mais grave, em face das ordens recebidas, sem condições de formular consultas ou indagações a quem quer que seja. Tanto assim que lhe pediu sigilo sobre o encontro. Invocando a amizade que os unia, disse que se dispôs a alertar o SNI sobre isso, já que no seu entender isso feria frontalmente todos os acordos internacionais assinados pelo Brasil e que a divulgação disso poderia significar o cancelamento puro e simples de todos os acordos atômicos brasileiros assinados com outras nações, inclusive com a Alemanha. Neiva ficou sabendo também que com essa quantidade de urânio era possível se produzir pelo menos 20 bombas atômicas, num processo relativamente simples de irradiação que determina a possibilidade de extração do plutônio 239, material altamente físsil. Foi informado também que o processo de transporte é relativamente fácil, já que esse urânio é apenas levemente irradiado, o que permite segurança total, bem como que uma tonelada equivale apenas ao volume de 50 litros.

Enquanto Neiva voltava à agência e digeria, muito preocupado, as informações que recebera de Hernani, o gal. Medeiros recebia em seu gabinete o presidente da Nuclebrás, embaixador Paulo Nogueira Baptista. Aquele encontro era relativamente fácil. O embaixador era muito ambicioso e desde que fosse mantido no cargo, jamais criaria qualquer problema.

– Bem embaixador, a sua situação está difícil após esse fiasco do acidente lá em Angra, disse o general, sem sequer se dar ao trabalho de cumprimentar o visitante.

– Mas o que é isso, general? Esse tipo de coisa acontece. É um risco a que qualquer instalação está sujeita.

– Não é bem assim, e de mais a mais, a posição do Governo é difícil. Não podemos mais nos expor a desgastes políticos. Para nós, é muito mais fácil entregá-lo às feras e sairmos bem de toda essa confusão.

– O que é que o senhor quer dizer com isso, general?

– Quero dizer, embaixador, que vamos ter que tirá-lo da Nuclebrás e colocar outra pessoa.

– Mas como general? Posso perfeitamente explicar o que ocorreu.

– Não pode não embaixador, sei bem que o senhor não vai nem tentar fazer isso.

– O que é que lhe dá essa certeza general?

– Bem, pelo menos, além de todas as besteiras que o senhor tem feito na área atômica, o número destas contas na Suíça e na Alemanha. Dizendo isso, Medeiros passou-lhe todos os dados de duas de suas contas mantidas no exterior, onde eram religiosamente depositadas as comissões que recebia de todas as compras feitas pela Nuclebrás e suas subsidiárias.

O saldo era alto.

– Veja, general, tenho certeza que nós conseguiremos chegar a um entendimento que poupará todos nós e o Governo de constrangimentos, disse o embaixador querendo ganhar tempo. Ele precisava descobrir o que queria o general, talvez até participar de suas comissões, quem sabe? Pelo saldo, ele viu que os dados eram de três meses atrás; isso queria dizer que o SNI já dispunha há tempo das informações e se as estava usando apenas agora era porque o problema não era esse. Havia outra coisa qualquer que uma simples medida punitiva. Havia, ele percebeu nitidamente, outros interesses. Mas quais eram? Tinha que ser hábil para descobrir. Resolveu esperar o general encaminhar o assunto para o ponto nevrálgico e foi o que aconteceu imediatamente em seguida, ferindo dessa maneira a vaidade do embaixador que gostava de se considerar importante e que a grosseria do general derrubava de uma maneira chocante.

– Veja embaixador, estou disposto a ignorar sua falta de capacidade, sua falta de escrúpulos e sua desonestidade desde que o senhor, caso seja necessário, assuma a responsabilidade do fornecimento de 70 toneladas de urânio para o Iraque.

– Como general?

Era isso então. Mas que diabo esses generais estão tentando arrumar, ruminava de si para si o embaixador sem entender muito bem o que estava acontecendo. É um risco terrível isso, mas por outro lado, que opção que ele tinha? Com essa encomenda, ele sempre poderia invocar os interesses da Segurança Nacional e escapar de qualquer problema e, o que era melhor, continuava no cargo e mais próximo de Medeiros que sem dúvida vinha pintando como o possível futuro presidente da República.

– É simples. Nós autorizamos o governo de S. Paulo a negociar esse fornecimento em troca de várias vantagens na área da Petrobrás, inclusive petróleo a preços mais baixos que os de hoje. No entanto, se amanhã, por alguma razão a coisa transpirar e a oposição começar a fazer escândalos, é necessário que toda a área atômica brasileira oficial tenha uma posição sólida em torno do assunto. É só isso o que eu quero.

– Pois não, general. Não há dúvidas, desde que seja em defesa dos interesses nacionais, tenho certeza que manteremos uma posição coesa.

– É lógico que é em defesa dos interesses nacionais, ou o senhor pensa que eu também tenho contas no Exterior?

– O que é que o senhor quer que eu faça, general?

– Por enquanto nada. Caso haja alguma consulta de S. Paulo, da área de Hernani, diga-lhe que a Nuclebrás está a par do assunto.

– Houve algum problema com ele? Ele é difícil.

– Não. Não houve problema algum. Apenas estou tomando cautelas.

– Muito bem, general. Mais alguma coisa?

– Não, apenas aguarde instruções e é lógico, se o senhor souber de

algo, avise-me imediatamente.

– Pode estar tranqüilo, general. Devo viajar na semana que vem com o ministro Delfim Netto para a Alemanha para arrumar novos empréstimos, mas deixarei o meu chefe de gabinete atento. Qualquer coisa ele lhe avisará.

– Não! Não quero esse contato direto. Ele lhe avisa na Europa e o senhor me informa para cá. Outra coisa embaixador: isso é secreto! Ninguém deve saber de coisa nenhuma. É assunto de segurança nacional! Nem o próprio Delfim deve saber disso por enquanto. Boa viagem, embaixador!

INICIATIVA ISRAELENSE

Há vários dias que o gal. Zivi não dormia direito. As suas relações com o gal. Mordachai iam de mal a pior. Em vez de conseguir se insinuar junto dos oficiais do Ministério como queria o premier, as relações tinham chegado simplesmente a uma situação de completa deterioração. Ainda que todos o tratassem de maneira polida, jamais conseguia chegar à intimidade de nenhum deles. Os relatórios feitos por seus agentes davam contas de que aqueles oficiais, assim como o chefe deles, não concordavam com as transformações que haviam sido feitas nos métodos de operação do Mossad. Eles não concordavam que esse serviço de inteligência tivesse sido desvirtuado para propósitos políticos internos e achavam que essa atividade tirava a dignidade das Forças Armadas. De nada valeram os argumentos que de maneira hábil o general tentara colocar entre aquela equipe. Os exemplos de que em outras nações esse procedimento era considerado normal não os sensibilizava. Zivi e todos os seus eram tidos naquele círculo como oportunistas, amorais, e intrinsicamente desonestos.

Havia um sentido nesse comportamento, o da sobrevivência do Estado de Israel. Os oficiais faziam suas projeções a prazo mais longo que o efêmero mandato de Beguin, daí o choque. No fundo, Zivi sabia que eles tinham razão, mas ele também sabia que não podia fazer nada se quisesse sobreviver na área do premier e que, por incrível que pareça, hoje era a única que lhe sobrava. Repudiado por seus companheiros de farda, mergulhava cada vez mais no cumprimento das tarefas determinadas pelo ministro e com isso se afastava ainda mais do seu meio. Seu caminho já estava delineado. Era a política e não tinha como escapar disso e apenas Beguin poderia dar-lhe condições de se fixar em um partido e até possivelmente, quem sabe mais tarde, disputar uma cadeira legislativa. Se chegasse a esse ponto, estaria salvo. Caso contrário, nada mais podia fazer, já

que sua permanência no Exército, por total falta de ambiente, era impossível. Zivi havia deslizado da área de informações para a área de polícia e isso ninguém aceitava no meio militar. E quanto mais se afastavam dele, mais ele mergulhava no caminho da danação.

As notícias que ele ia levando nesse fim de tarde para o premier não eram boas. Além de seus problemas na área das Forças Armadas, tinha recebido os resultados na última pesquisa que apontavam um preocupante crescimento das preferências eleitorais em torno do nome de Shimon Peres. Sua eleição iria significar uma modificação radical em tudo que havia sido feito até então e o mais grave é que o meio militar começava a se voltar rapidamente a avor do líder trabalhista, mesmo em se sabendo sua vocação antimilitarista. A explicação para isso era a de que os líderes do Exército o preferiam, mesmo sabendo de suas restrições, a correr o risco de uma desmoralização das Forças Armadas. A argumentação desenvolvida naquele meio era de que a dignidade de Shimon Peres superava de muito o seu antimilitarismo e que justamente por isso não haveria o risco da desmoralização, coisa que agora se estava tornando cada vez mais evidente, principalmente depois do fracasso de uma operação interna do Mossad e cujo escândalo com muita dificuldade fora abafado.

– Então Zivi, quais são as novidades? Indagou o ministro.

– Bem excelência, tenho os resultados da última pesquisa.

– E daí?

– São ainda piores que os da previsão que fizemos. É melhor o senhor ver por si, disse o general, passando para o ministro a pasta com todas as tabulações e interpretações. O ministro franziu a testa e começou a mexer nos óculos. Esse comportamento não prenunciava nada de bom. Zivi chegou à conclusão que deveria antes ter falado nos problemas que estava tendo com Mordachai. Se levantasse o problema agora, o ministro iria descarregar sobre ele toda sua raiva, que ia ficando cada vez mais evidente à medida que lia os dados da pesquisa.

– Nós estamos quase sem tempo. Se não invertermos a expectativa, não haverá como fazê-lo, Zivi.

– É, parece que sim, excelência.

– Como é que estão as coisas no Ministério da Defesa?

– O planejamento está sendo feito. Há, é evidente, a má vontade de Mordachai, mas a argumentação da bomba atômica parece que neutralizará os outros oficiais.

– A impressão que eu tenho é que Mordachai não está acreditando muito nessa história da bomba, não é Zivi?

– Eu não diria isso. Diria que ele tem dúvidas. Parece-me que ele andou conversando com o adido militar francês sobre as possibilidades do Iraque fazer a bomba, mas continuou em dúvida. O pessoal da CIA disse que ele tentou um contato, mas não foi bem-sucedido.

– Mas ele chegou a falar da bomba com os americanos?

– Não. Não houve oportunidade.

– O chefe do escritório da CIA aqui é ainda aquele patrício?

– É, sim senhor.

– É bom então você bloquear esse canal. Se isso chegar a Washington, nós vamos ficar mal e eles são capazes de abortar o negócio no Brasil.

– Pode deixar excelência, farei isso ainda hoje à noite. Vou jantar com ele.

– Ótimo. E no Brasil, como estão as coisas?

– Bem, o protocolo da venda do urânio já foi aprovado. Agora é apenas uma questão de detalhes.

– Quanto tempo?

– Bem, as coisas por lá são meio complicadas. Sabe como é, não? Eles são lentos e incompetentes, então sempre há riscos em apressá-los.

– Mesmo o Medeiros?

Ele também, e o que é pior, ele é terrivelmente presunçoso, o que torna as coisas ainda mais difíceis.

– Mas você não disse que estava tudo arrumado com ele e que não haveria maiores problemas?

– Realmente eu disse, mas é que a previsão que tínhamos era de mais tempo.

– Bem, agora você sabe que o tempo está ficando curto e é bom se fazer algo a respeito.

– Pois não excelência, eu vou ver o que é possível.

– Não, você não vai ver o que é possível. Você vai fazer esse urânio chegar a Bagdá em 30 dias. É isso o que você vai fazer e não quero desculpas. Quando isso foi iniciado, eu lhe perguntei bem o grau de confiabilidade da operação e você garantiu que era nível A; agora, você se arrume.

– Mas eu não estou no Brasil. As coisas lá não são como aqui ou na Europa.

– Eu não quero saber. É a sua cabeça que vai rolar ou você pensa que eu não sei da sua situação dentro do Exército?

– Mas excelência, eu estou fazendo o que é possível.

– Pelo visto o seu possível não basta. É preciso fazer mais e, por falar nisso, como é que esse urânio vai sair do Brasil?

– O nosso planejamento, já entregue ao Medeiros, prevê dois aviões. Um 747 e um Iullinicli, decolando de S. José dos Campos, em vôo direto para o Iraque.

– Para que dois aviões, se são apenas 70 toneladas, e ainda mais um russo?

– Mas é isso mesmo excelência. Eles têm que retirar material bélico de lá e um avião russo, na eventualidade de ocorrer um imprevisto qualquer, nos exime de responsabilidade.

– E esse vôo quantas horas leva?

– Mais ou menos 17. É que há algumas áreas que eles não podem so-

brevoar já que a nossa Força Aérea é capaz de interceptá-los e é bom que nada disso ocorra para não vazar a informação. Ninguém aqui haveria de entender qual a razão de deixarmos esses aviões seguirem direto, não é excelência?

– É isso mesmo. Agora você faça o seguinte. Mande alguém para o Brasil para apressar esse tal de Medeiros e é bom que fique bem claro para ele que se a coisa não sair a contento, nós não teremos dúvida em divulgar isso tudo e trancar os bancos para eles. A um escândalo desses nem aqueles vagabundos agüentam. É preciso ser muito claro nisso tudo.

– O senhor acha que devemos fazer o contato direto?

– Não, de forma alguma. Você continuará usando o Klabin e o Midlin, mas se eles sentirem muita resistência, é bom ter alguém de nível para conversar diretamente com Medeiros.

– Mas isso é difícil excelência. Ele, além de general, tem nível de ministro.

– Qual nada, ele é general por bom comportamento. O que eu disse é que quem for para o Brasil tem que estar a par de tudo para poder pressioná-lo.

– Tudo, excelência?

– O acordo final não, é lógico. Às vezes, duvido da sua capacidade mental Zivi. Bem, também se assim não fosse, certamente você jamais seria um general. Seria um político ou um comerciante muito rico. Eu sempre me esqueço da sua limitação.

– Sim senhor, excelência. Então eu vou mandar o Mendel. Ele é inteligente, está a par de quase tudo, se dá bem com o Golg e sabe ser particularmente . . . *(Aqui o texto apresenta um salto de 14 páginas, onde, se presume, o autor "romanceou" a preparação do atentado do Riocentro)* . . . que a operação Riocentro havia vazado. Imediatamente ele começou a tomar medidas de segurança extra, o que acabou por alertar o Cisa e o Cenimar de que ocorriam coisas estranhas no CIE. Logo depois, o SNI também ficou sabendo que o Exército estava-se agitando. Para sentir-se ainda mais seguro, o gal. Braga, no mesmo dia, promoveu dois encontros muito complicados. Almoçou com o cel. Golg e jantou com Joe. É lógico que ambos, sem entender muito bem o que acontecia, também ficaram preocupados. O coronel embarcou para o Rio ao fim da tarde, sem entender muito bem o que havia acontecido. Ele ia ao encontro de Mendel que chegaria às primeiras horas da manhã seguinte procedente de Paris. Joe voltou para seu apartamento depois do jantar e começou a reequacionar tudo, já que ele também ficou sem entender o que aconteceu durante o jantar e principalmente porque Ribeiro, contrariando todos os seus hábitos, não aceitou as tradicionais passagens de ida e volta para o Rio.

A chegada do major Mendel foi detectada ao mesmo tempo pela CIA e pela KGB. Os dois serviços entraram em parafuso. Era absolutamente

fora de qualquer padrão um oficial importante como o coronel, subchefe de operações do Mossad, se deslocar para um país como o Brasil. Tanto Joe como o cel. Ilukin colocaram em alerta as suas estruturas e ambos imediatamente chegaram à mesma conclusão: alguma coisa de muito grande estava envolvendo o Brasil e Israel, mas o quê? O russo estava mais perto da verdade que o americano. A KGB tinha dados de Bagdá que a CIA não tinha. Enquanto Joe partia rapidamente atrás de Dirceu, Ilukin convocou novamente o seu homem de S. Paulo ao mesmo tempo que mandava um cifrado para Moscou. Enquanto esperava por Dirceu, Joe mandou uma mensagem para Washington cobrando o escritório da CIA em Tel Aviv. Dessa vez, o supervisor de Langley para a América do Sul se interessou mais pelo assunto e resolveu agitar o problema. Promoveu uma reunião em seu gabinete entre os encarregados das regionais do Brasil e de Israel. Ele queria saber que diabo Mendel estava fazendo no Brasil e porque até aquela altura o escritório de Dickstein se mantinha silencioso.

O gal. Braga jamais correria o risco de ser acusado de ser um homem brilhante. Tendo chegado à conclusão de que sua operação não tinha vazado, resolveu não apenas prosseguir, como também, decidiu não levar ao conhecimento do ministro o que havia ocorrido. Mesmo estando certo quanto à operação Riocentro, não avaliou bem o que havia ocorrido, nem notou que os outros serviços haviam percebido qualquer coisa de errado na sua área. Assim, sem imaginar o que realmente poderia ocorrer depois, determinou que tudo continuasse, sem ao menos se dar ao trabalho de tranqüilizar seus homens no Rio, que com o alerta, que havia saído de Brasília, ficaram muito nervosos e começaram a promover diversas modificações no planejamento feito anteriormente. Isso, é lógico, iria sacrificar a margem de êxito da operação em troca de uma maior faixa de segurança para os envolvidos. Em vez dos cinco homens iniciais que estavam envolvidos no trabalho de campo, foram escalados apenas dois: um capitão e um sargento, com apenas um carro. Um pequeno Puma de motor envenenado para dar fuga mais rápida aos envolvidos.

A HORA DA VERDADE

Para todo homem de informações, como de resto para todos nós, apenas que em condições menos dramáticas, chega a hora da verdade. Se ele é uma pessoa normal, com reações humanas, sem grandes deformações mentais ou espirituais, nessa hora ele se defronta com um problema moral grave, que é o choque entre a ética e a lei. Pelo seu trabalho, isso é ter-

rivelmente doloroso porque ele deve tomar uma opção: ou ele se profissionaliza, e com isso pode passar ao largo de toda a imundície em que vive atolado, ou então ele enlouquece e para não enlouquecer ele tem que sair. Tem que deixar o serviço. Tem que abandonar tudo. Mas nessa altura ele já é outro homem. Ele não tem ilusões. Ele não acredita mais nos semelhantes nem alimenta qualquer esperança e assim é muito difícil a ele optar pelo retorno a uma vida que se convencionou chamar de normal. É essa angústia da opção que quebra a maioria dos homens. Sem coragem para o retorno, eles se profissionalizam e, se profissionalizando, eles, na realidade, se transformam em mercenários e, se não se transformarem em mercenários, não serão bons profissionais e, não sendo bons profissionais, não têm nada a fazer na área de informações e, tendo feito a opção de ficar na área de informações, eles começam a vender seus serviços a quem pagar mais e com isso termina todo e qualquer relacionamento com tudo aquilo que se refere à pátria, família, amigos e fidelidade de uma maneira geral. A partir desse ponto, só há a fidelidade consigo mesmo e essa fidelidade se traduz em prestar serviços a quem paga mais e assim o homem fica no balcão das ofertas à espera da sorte de uma chance.

Foi nesse ponto que Neiva chegou naquela noite. Após dois dias de angústias terríveis, ele se viu no momento da verdade e realmente não sabia para onde se virar. Era de origem de uma família de classe média alta. Era a quarta geração de militares, o que em termos de Brasil, já era uma tradição. A partir dessa noite, foi que ele começou a entender bem as razões que levaram seu pai, já velho general, a verberar sua decisão de entrar na área de informações. Seu pai, como ele se lembrou, sempre lhe dizia, parodiando o cel. Walter Nicolai, chefe dos serviços de informações alemães durante a Primeira Guerra Mundial, que o serviço de informações é o apanágio dos nobres; se confiado a outros, desmorona e que, infelizmente, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, ele havia sido entregue nas mãos da canalha e que era por isso que ele não queria ver seu filho sacrificar a nobre carreira das armas, trocando-a pela vida secreta dentro de um valhacouto que era exatamente no que se tinham transformado todos os serviços de informações do mundo. Foi aí também que ele se lembrou do oficial que o iniciou na carreira de informações, mas que ao lhe dar a chefia da segunda seção do regimento, recomendou muito que ele não se mantivesse na especialização. Aquele coronel repetiu-lhe mais de uma vez que era necessário para um bom oficial conhecer informações, mas que era ainda mais importante para um bom oficial, saber não ficar na área de informações e que apenas os fortes e bons tinham o poder íntimo de abandonar a tempo as ilusões e os engodos da área de informações.Foi nessa hora que ele saiu do apartamento para telefonar para Manaus. Ele tinha tomado a sua decisão e não queria que ninguém soubesse que ele iria à procura do velho coronel que o iniciara na carreira

de informações e que hoje, como general de divisão, chefiava o Comando Militar da Amazônia. Foi assim que ele soube que Leônidas Pires Gonçalves estava de férias no Rio de Janeiro.

Ele resolveu passar o fim da semana no Rio, mas não iria pelos caminhos normais. Se embarcasse em Congonhas, seria detectado pelo DEOPS e pelo próprio Serviço. Isso, àquela altura não interessava. No dia seguinte, saiu para almoçar, dizendo que iria atrasar-se. Apanhou um ônibus para Campinas e um pouco antes de embarcar pela TAM para o Rio, ligou para a agência encarregando seu imediato de fechar o expediente, tomando todas as providências da maçante rotina do SNI. Disse que estava na fazenda de amigos e que como não tinha telefone, falaria para o oficial de plantão pelo menos três vezes por dia no sábado e no domingo e que ainda naquela noite voltaria a chamar para saber se havia algo. Logo depois embarcou para o Rio, sem ao menos desconfiar que ali começava uma nova etapa de sua vida, a mais perigosa e a mais difícil que já atravessara.

COM A GRANA NA MÃO

O almoço foi mais fácil do que Medeiros imaginara. Todos conseguiram salvar a face. Enquanto eram colocados os problemas de Venturini e Coelho Neto para o ministro, este partiu para negociar um aumento dos vencimentos. Como os três eram militares e a coisa interessava a todos eles, se chegou a um aumento de 110%, mais o salário indireto que ficou em torno de um milhão e duzentos mil cruzeiros mensais para general de brigada; um milhão e seiscentos para general de divisão e dois milhões para general de exército. Como sobremesa, Medeiros serviu o texto do decreto-lei, que foi aprovado por todos. Combinou-se mandá-lo para o Congresso e, na pior das hipóteses, promover sua aprovação por decurso de prazo. Saindo do Torto, o ministro foi direto para o aeroporto, o presidente foi dormir e Medeiros prosseguiu na sua peregrinação. A primeira visita foi para Venturini, a quem anunciou sua salvação mediante a promoção para general de divisão. A segunda visita foi a Coelho Neto, a quem ele também assegurou sua promoção, portanto, a continuidade na ativa e até, talvez quem sabe, mais tarde, o cargo de ministro. Era importante assegurar a fidelidade desses dois homens nos embates que se iriam seguir e foi o que ele teve a impressão de ter conseguido.

Já anoitecendo, ele chegou em casa, no Lago Sul, e mandou convocar Nini que morava na casa ao lado. Na véspera, não havia conseguido falar com ele e agora queria se inteirar de tudo que acontecera. Ficou sabendo que a minuta do protocolo, salvo pequenas modificações feitas pelo Ita-

marati, havia sido aprovada e o próprio Aguiar a tinha levado de volta para S. Paulo. Foi inteirado da chegada de Mendel, o que lhe causou espécie, mas foi tranqüilizado por Nini, que assegurou que tudo estava bem. Soube também que o IPEN estava trabalhando 24 horas por dia para produzir à tempo e à hora as 70 toneladas de urânio e que a remoção do minério do Brasil ficava por conta e risco dos iraquianos e que da parte do Brasil apenas deveria ser liberado o espaço aéreo para a entrada de dois aviões.

– Mas nós não podemos fazer isso Nini. Todo mundo vai saber que houve essa liberação.

– Que nada meu velho. Os dois aviões vêm oficialmente para apanhar material bélico que eles compraram da Engesa. O urânio vai ser embarcado em tonéis sem que ninguém saiba o que eles contêm. Se você quiser, poderemos até rotulá-los como munição, o que no fundo, não deixa de ser verdade.

– Cuidado com isso. O risco é muito grande.

Nini não achou importante informar Medeiros da agitação na área do CIE. No final das contas, ele não tinha em alta conta nem o Braga, nem o próprio ministro, mas anunciou com grande satisfação que o Fernando Pessoa e o Abyssamra estavam na sua casa com quatro malas contendo os 600 milhões da Capemi. O general Aragão havia cumprido o compromisso.

– Você não pretende que eu vá contar esse dinheiro todo, não é?

– Não, já está contado. O que eu quero é que você receba os dois rapidamente para que eles lhe entreguem as malas.

– Ô, Nini, você não pode receber isso por mim? Eu estou estourado. Tive uma semana terrível.

– Não. Eles fazem questão de lhe entregar pessoalmente.

– Vá lá que seja, mas espere um pouco. Nós não tratamos de dois assuntos importantes. O Neiva e a data do embarque do urânio.

– E o que é que tem?

– O urânio deve seguir para o Iraque depois que eu viajar com o presidente para a França.

– Tudo bem.

– E o Neiva? Como é que você vai conduzir o assunto? Lembre-se que é importante conhecer a fonte que ele tem. Essa operação é muito arriscada para que não a controlemos diretamente. Nós temos que saber como ele chegou a essa história.

– Não se preocupe. Ele chega 2ª-feira cedo. Este fim de semana ele está em uma fazenda no interior de S. Paulo. O Aryzinho vai amaciá-lo e depois eu converso com ele. Não vai ser difícil, não. O que eu acho é que, ao fim de tudo você poderia recebê-lo, sabe como é, esse pessoal gosta de paparico do chefão.

– O Aguiar não acha isso, não. Ele acha o Neiva complicado e muito

independente.

– Não é nada disso. Os dois tiveram um desentendimento quando eram tenentes ou capitães e o Aguiar não gosta dele até hoje. Pode deixar que o Neiva nós controlamos. Só vamos precisar de sua chancela no fim e tudo bem.

– Mande então chamar esses dois artistas da Capemi.

A entrega das malas foi rápida. O general não quis contar o dinheiro e como estava cansado, Nini levou os dois de volta à sua casa onde todos jantariam juntos mais tarde. Medeiros não foi ao jantar. Ficou dormindo até a manhã de domingo e acordou muito bem disposto.

DOIS ALMOÇOS E UM CONSELHO

Enquanto Cristhiane procurava inutilmente pelo cel. Neiva, o governador, contrariando seus hábitos, discutia assuntos de Governo na sua casa com Palma. Desde que entrara na vida pública, e já fazia muito tempo, primeiro como presidente da Caixa Econômica Federal em S. Paulo, depois como prefeito da cidade e finalmente como secretário dos Transportes, cargo que precedeu seu fantástico salto para governador, Paulo Maluf sempre evitou misturar sua vida privada com as coisas do Estado e até ali obtivera um êxito bem mais do que razoável. Mas o assunto que ele discutia com seu secretário de Tecnologia e Cultura merecia, por sua importância, uma exceção. Tratava-se da entrega do urânio ao Iraque e, em conseqüência, o início de sua caminhada para a Presidência da República, na sucessão de João Figueiredo.

– O IPEN está trabalhando 24 horas por dia, em três turnos ininterruptos para produzir as 70 toneladas e por mais estranho que eu ache, a Nuclebrás não criou nenhum caso.

– Eu falei com você. Eu o tranqüilizei. Não há nada fora do planejamento. O Planalto está por dentro e ninguém vai criar nenhum problema. Mas o que eu preciso saber é dentro de quantos dias teremos a encomenda pronta.

– Uns 15 a 20 dias e tudo estará armazenado no aeroporto de S. José dos Campos.

– A documentação seguiu para a Embaixada para ser assinada?

– Já. Mandei aquele rapaz que trabalha no cerimonial do Palácio, o tal do Nicola. Ele é árabe e tudo deve ficar mais fácil.

– Bem, então é conveniente você fazer chegar a informação à Embaixada que em 20 dias eles podem retirar tudo.

– Não é mais fácil fazer isso pelo Governo Federal, Paulo?

– Não. Eles não querem contato direto sobre o assunto, o que aliás eu

acho muito bom.

– Então é melhor você mesmo falar com o embaixador e avisar o Medeiros que a coisa está praticamente concluída. Os iraquianos vão precisar de autorização especial do Ministério da Aeronáutica para entrar no Brasil, já que eles vão retirar as coisas por via aérea.

– O urânio vai misturado com material bélico. Eu acho que essa autorização já foi dada, mas de qualquer forma eu aviso. Vou esperar a chegada da papelada assinada com a anuência do Itamarati. Depois é que eu vou dar a data da entrega.

– Bem, então não há mais nada a fazer, não é? É só esperar agora que as coisas sigam seu caminho normal.

– Parece, mas temos que ficar em cima. Essa jogada é muito importante para deixá-la ao léu.

– Ninguém vai deixar nada sem fiscalização, mas parece que a parte mais difícil está concluída.

Foi a essa hora que chegou a filha do governador com o marido. O almoço foi alegre. O governador estava muito bem-humorado e ficou brincando com o genro à respeito dos netos que não vinham. Paulo tinha muita vaidade de ter sido o prefeito mais jovem da cidade, de ser o governador mais jovem do Estado e que seria o presidente mais jovem do País, logo poderia dar-se ao luxo de ser avô, já que seria avô por merecimento e não por antigüidade. O almoço decorreu em clima alegre e festivo. Todos estavam muito satisfeitos consigo mesmos.

Já o almoço do ex-presidente Geisel com o gal. Golbery não foi tão alegre assim. Nenhum dos dois estava gostando dos caminhos pelos quais se estava encaminhando o governo João Figueiredo.

– Veja, Golbery, eu não compreendo bem que o Delfim esteja fechando os caminhos que abrimos na Europa e na Ásia. Eles estão voltando novamente ao domínio dos americanos e com isso perdendo opções. Nós tivemos tanto trabalho em abrir esses caminhos e fico contrafeito ao vê-los serem fechados um a um.

– Estamos perdendo a força junto ao Figueiredo. O pessoal do SNI a cada dia aumenta sua influência e acho que nossa convivência vai chegando rapidamente ao fim.

– Mas o Medeiros não é brilhante. Quando nós afastamos o Castro e botamos o Medeiros na chefia foi exatamente por isso.

– Realmente, mas ele aprendeu depressa e, embora eu não saiba ao certo, sinto que há gente estranha ao serviço e ao próprio Governo que vêm assessorando o Medeiros. Ele tem feito algumas coisas que não são exatamente as coisas que seu QI aconselharia.

– Será que é o Delfim?

– Não acredito, não. Ele jamais correria o risco de um confronto com a gente. Ele é nosso inimigo, mas é muito prudente.

– Será o pessoal dos bancos?

– Pode até ser, mas as características das jogadas em desenvolvimento não apontam nesse caminho, não. Há uma grande parcela de imponderável no que se tem feito e o que eu conheço de banqueiro sei que eles jamais correm riscos não calculados e eu acho que há muitos riscos não calculados nisso tudo.

– Mas o que é que há de concreto para levá-lo a achar isso?

– O mais grave é que não há nada a não ser a ambição do Medeiros de ser presidente. É o meu feeling que diz isso. Se você me pedir algo de concreto, não tenho nada para lhe dar.

– Quer dizer que você acha que não devemos ir para o confronto?

– Eu acho que não. Não nos sinto com força para isso.

– E se o Médici nos apoiar?

– Nem assim, e duvido muito que ele o faça. Sabe, ele não lhe perdoou até hoje a minha indicação para a Casa Civil nem a minha manutenção nas funções com o Figueiredo.

– Você acha que vale a pena eu falar com o João?

– O que me preocupa é que você tenha uma decepção. Ele mudou muito e a conversa com ele não é mais tão fácil como antes.

– Alguém me disse que ele está envolvido com uma mulher e por causa disso anda se expondo muito.

– É uma tal de Vera Gimenez e foi por causa dela que ele fez a operação plástica. Realmente, essa ligação é um escândalo em perspectiva. Ele está-se portanto feito um garoto apaixonado.

– Não há condição de alertá-lo para isso?

– Eu tentei uma vez, de maneira sutil, mas a reação foi muito violenta. Acho, aliás, que foi a partir daí que comecei a perder a força. Ele se encontra com ela em um sítio próximo do meu e o Venturini fica como verdadeiro leão-de-chácara na entrada da propriedade.

– Eu vou estar com o João dentro de uma semana e sou capaz de tocar nesse assunto. Afinal, ele me deve a indicação e a eleição.

– Você perdeu a condição de fiscal quando não quis opinar sobre a anistia. Lembra-se que eu insisti muito, mas você resistiu?

–É, talvez você tenha razão. Mas ele acabou fazendo como a gente queria e não como o Medeiros propôs.

– Mas você não marcou presença e infelizmente o nosso João não é tão sutil quanto você gostaria que ele fosse.

– Qual é a sua sugestão então?

– É esperar. Você sabe que política e poder é tudo um problema de paciência. A gente tendo, chega, não tendo, como se diz na gíria, come cru.

– Mas se estamos perdendo força e sua previsão é de que vamos perder ainda mais, a espera não me parece uma boa política, pelo menos agora.

– Não sei não, mas honestamente, pelo menos agora, não vislumbro

outro caminho.

– E o Heitor?

– Está sendo hostilizado abertamente pelo SNI, mas tem-se portado muito bem.

– Ele tem cabeça. Foi um bom investimento que fizemos. Na medida em que ele não passar recibo, ele fica cada vez mais forte.

– Eu tenho a impressão que estamos na curva descendente e nada há a fazer até que ocorra a reversão da expectativa.

– E o Ueki?

– Ele vem tentando bloquear essas ligações com os americanos, mas ele está fraco. Todo dia ele tem uma briga com o Cals e com o Oziel. A posição dele também não é boa e o João continua a não gostar dele. É verdade que desde que ele colocou o filho do Medeiros na chefia do gabinete, pelo menos na área do SNI ele se tranquilizou um pouco, mas não podemos esperar muita coisa dele.

– Então a nossa estratégia é esperar?

– É, não vejo outra solução, a menos, é evidente, que ocorra um fato novo e importante a ponto de provocar uma virada na situação geral, mas eu acho difícil. Eles conseguiram acomodar muitos interesses e vão atendendo às pressões na medida em que elas vão sendo exercidas. É, não vejo muita possibilidade nisso.

Na hora em que se despediam, nenhum dos dois podia sequer imaginar que o Brasil vivia as antevésperas de acontecimentos importantes que iriam virar toda a situação política nacional. Se eles soubessem, não teriam nem almoçado.

– O que eu acho condenável nisso tudo Neiva, e por favor não entenda que me coloco como dono da verdade ao dizer o que vou lhe dizer, é que em muito pouco tempo se tirou a dignidade do cargo de presidente da República e se transformou as Forças Armadas em uma guarda pretoriana dos interesses de algumas pessoas. Eu não posso aceitar que Exército, Marinha e Aeronáutica sejam a gendarmeria de propósitos discutíveis e de intenções obscuras.

Eles estavam conversando há já mais de uma hora. Neiva tentara falar com o gal. Leônidas logo que acordou, mas ele já tinha ido para a praia. Como era pessoa de hábitos conservadores, não foi difícil Neiva localizá-lo no Leblon, em frente à rua Anita Ludoff, trecho da praia que ele freqüentava desde que comprara um apartamento na rua Aperanas. Neiva foi recebido efusivamente, o que tornou mais fácil a colocação de suas dúvidas. A conversa fluíra normalmente, sem constrangimentos ou dificuldades. Embora o general ainda não soubesse do problema do urânio, Neiva o colocou a par depois de ter informado que se dispunha a deixar a área de informações, já que estava colocado ante um problema moral grave, para o qual, ressaltou, havia sido anteriormente prevenido por seu

pai e pelo próprio general, como ele bem haveria de se recordar.

– Essa história do urânio é grave, Neiva, e pela reação do Marcondes, chego a acreditar que contém implicações que nem chegamos a desconfiar. Eu acho, por paradoxal que lhe possa parecer, que não está na hora de você deixar o SNI. É preciso que conheçamos toda a extensão desse assunto. Posso lhe assegurar que o Alto Comando do Exército nem desconfia de uma coisa dessas e por isso mesmo sou levado a crer que algumas pessoas estão colocando, por interesses próprios, a estabilidade nacional em risco e isso é ainda mais sério ao se saber que o governador de S. Paulo está envolvido. Do Paulo Maluf nós nunca podemos esperar nada de bom.

– Segunda-feira, eu vou ter que me definir, general. E sei que a minha conversa em Brasília não vai ser boa.

– Acho que vão ocorrer duas coisas lá. Primeiro, vão tentar comprá-lo. Se não conseguirem, vão ameaçá-lo. O que eu tenho certeza é que, pelo seu envolvimento no assunto e pelo comportamento do Marcondes, a única coisa que eles não irão fazer é afastá-lo da área. Você a distância agora, fora do controle, é um perigo.

– O senhor acha que devo compor?

– Você deixa tentar descobrir tudo que se refere a isso e se para isso for necessário compor, acho que você deve compor, mas, veja bem, essa decisão é sua. Isso é muito subjetivo. De qualquer forma, agradeceria se você me mantivesse informado do que ocorrer. Eu vou ficar no Rio pelo menos mais 25 dias. Poderemos nos avistar sempre que for conveniente.

– Combinado, general. Na segunda-feira à noite, o senhor terá a minha posição e as informações do que ocorreu.

– Gostei de estar com você, Neiva, e fico satisfeito de ver que não me enganei na avaliação que fiz do homem, quando você ainda era apenas um tenente.

– Estou honrado com isso, general. Até segunda. Eu lhe telefono.

A CONEXÃO ISRAELENSE

Não se pode dizer que Sergei Golg estivesse feliz. Ele não gostava de Mendel. Seu relacionamento com o coronel era equívoco. Embora hierarquicamente ele fosse superior, na estrutura do Mossad o outro estava acima. Golg achava Mendel desumano, frio, cruel, carreirista, ambicioso e, o que é pior, sem nenhum tipo de lealdade pessoal. Era um típico oficial de informações da nova geração e essa geração, que chegara ao poder no serviço secreto de Israel levado pelo gal. Zivi, era foco permanente de suas preocupações. Ele achava que até em informações havia alguns limi-

tes e esses jovens, como que incentivados pelo chefe, faziam questão de desconhecer qualquer limite e parece que se divertiam com a perplexidade dos oficiais mais antigos ante as coisas que faziam. Golg, desde que recebera a comunicação de Tel Aviv sobre a chegada de Mendel, achou que isso não prenunciava nada de bom.

Desde a véspera, quando Klabin lhe comunicara que Mindlin não se dispunha a vir ao Rio para falar com o coronel, as coisas não tinham caminhado bem. Ele percebeu na conversa de Klabin alguma censura quanto ao comportamento do Mossad em toda a armação da trama do urânio. Ainda que de maneira muito gentil e educada – Klabin era muito educado –, este lhe explicara que desde o início toda a operação fora concebida e criada por ele Klabin e por Mindlin e que nenhum dos dois, agora, via com bons olhos o envolvimento excessivo do serviço no assunto, inclusive o risco de se deslocar Mendel para o Brasil, fato que certamente alertaria a CIA e a KGB e, uma vez alertados os dois serviços, ninguém sabia muito bem o que poderia acontecer. Embora Golg soubesse que a CIA e o KGB estavam sem movimento, face ao teor da conversa, achou prudente não alertar o empresário sobre o assunto. Seu raciocínio é que com cautelas e medidas de segurança extras eles conseguiriam contornar as dificuldades e o risco e por isso não via conveniência em tornar as coisas ainda mais difíceis do que estavam.

Quando ele explicou a Mendel que Mindlin não viria de S. Paulo, sentiu a irritação do coronel. Mendel não tinha boa impressão de nenhum dos dois empresários e fazia questão de não esconder isso. Ele traduziu sua irritação com comentários pouco lisongeiros sobre empresários que, a pretexto de prestar serviços ao Estado de Israel, na verdade ficavam cada vez mais ricos, usando o prestígio de Israel e a solidariedade internacional dos judeus. Mendel era um sabra e não via com bons olhos os judeus que resistiam à idéia de se fixar na nação judaica.

A casa de Klabin ficava na av. Niemeyer, uma estrada sinuosa, muito bonita, que levava à Barra da Tijuca, um novo e florescente bairro do Rio de Janeiro. Os dois combinaram um encontro no saguão do hotel Sheraton, na av. Niemeyer, próximo da casa de Klabin. Mendel poderia apanhar um ônibus como quem fosse fazer um giro turístico pela Barra. Como o ônibus sempre parava no Sheraton para apanhar outros passageiros, ele poderia saltar e dali ambos poderiam ir com mais tranqüilidade para a casa onde eram esperados para os acertos finais da remessa de urânio para o Iraque. E assim foi feito. Nenhum dos dois, no entanto, percebeu que tanto a CIA como o KGB os haviam acompanhado até a entrada da suntuosa mansão em que morava um dos chefes do sionismo no Brasil.

– Não acho que a sua presença no Brasil seja uma coisa muito prudente, disse Klabin, à guisa de cumprimentar o visitante. A antipatia entre ambos foi instantânea.

– Isso é o que o senhor pode achar, mas os especialistas em avaliar ris-

cos somos nós e não o senhor

– A operação que ora se desenvolve foi criada e coordenada aqui no Brasil e felizmente tem-se desenvolvido a contento até agora, assim não vejo razões para interferências externas.

– Eu estou aqui exclusivamente para assegurar que as coisas continuem a se desenvolver dessa forma e apenas vou intervir caso ocorra alguma coisa de errado.

– Foi só para isso que o senhor veio até o Brasil?

– Há mais um motivo. Por razões que não nos cumpre discutir, a faixa de tempo foi encurtada. O primeiro-ministro quer a entrega feita, em Bagdá, no prazo máximo de 25 dias, nem uma hora a mais.

– O problema de prazo nunca foi levantado. Não sei se poderia apressar as pessoas que devem ser apressadas para que se cumpra essa nova exigência.

– Não se trata de saber se pode ou não. Trata-se, isto sim, é de fazer o que deve ser feito.

– O senhor precisa entender várias coisas. A primeira delas é que estamos no Brasil e que as coisas aqui são feitas à brasileira. Segundo, que as pessoas aqui são muito ciosas de suas prerrogativas e de suas posições e como nisso se envolvem os últimos escalões da República, não há condições de sair por aí pressionando as pessoas a torto e a direito.

– Posso lhes dizer senhor que se pode sair sim e que por entender exatamente que estamos no Brasil e que as pessoas são muito ciosas de suas prerrogativas foi que eu fui enviado para cá.

– O senhor não pretende que um simples coronel saia por aí a apertar um general, principalmente quanto ele tem status de ministro.

– Pois é isso mesmo que pretendemos. Veja bem que estou colocando no plural. A decisão não é minha. É de Tel Aviv. O que o senhor deve fazer é o seguinte: ir a quem de direito e dar a data limite. Se houver reação negativa é apenas me colocar em contato com essa pessoa e o senhor terá a surpresa de ver como tudo vai resolver-se a contento.

– O senhor não acha que está superestimando uns e subestimando outros?!

– Não estou não. O senhor cumprindo as instruções tudo sairá bem.

– E se eu me recusar?

– O senhor não tem escolha. Nem o senhor nem o seu associado Mindlin.

– E quem lhe disse isso?

– Eu sei que nenhum dos dois, aliás ninguém que está envolvido nisso, teria condições de resistir a um escândalo.

– Isso é chantagem?

– Eu não entendo assim. Entendo que eu tenho minhas instruções e que devo cumpri-las e para cumpri-las eu tenho autonomia até o ponto exato em que lhe coloquei o problema. Fora daí é especulação e eu, infelizmente, não estou acostumado a raciocinar em termos de especulações

ou até mesmo de vaidades feridas. Lastimo senhor, mas a situação é essa e não há nada que o senhor ou eu possamos fazer para mudar as coisas. Certo?

Caiu um silêncio constrangedor no salão em que conversavam. Durante cerca de 30 segundos, Klabin ficou considerando Mendel e assimilando a grosseria. Ele realmente não gostava do coronel, mas sentia que a aversão que o outro sentia por ele era ainda maior e ele não entendia por quê. Fazia tudo que estava a seu alcance por essa gente e eles nunca estavam satisfeitos e sempre exigiam mais. Por quê? Resolveu que falaria com Beguin a respeito na primeira oportunidade e também tomou a decisão de não passar qualquer recibo. Pelo menos por ora teria que tolerar a grosseria. Os interesses em jogo eram maiores que sua vaidade e do que quaisquer ressentimentos de ordem pessoal. Ele duvidou que o coronel ou que o próprio Mossad soubessem o que se jogava em termos de futuro do Brasil nessa operação. Assim resolveu ser conciliador.

– Bem, vou colocar os problemas para as pessoas de direito e informarei o cel. Golg.

– Lastimo senhor. Por medida de segurança, o coronel deve ser posto fora desse circuito. Aliás, as instruções que tenho é de que o senhor leia esta documentação agora e depois me devolva para que eu a destrua imediatamente. O coronel por sua vez deve retornar ainda hoje para Brasília para que sua ausência da Capital não levante suspeitas entre a concorrência. Eu ficarei no Rio e nós elaboraremos um sistema de comunicações com o máximo de segurança possível.

Klabin leu com calma o despacho que lhe havia sido enviado pelo premier de Israel e começou a entender melhor o problema da pressa. Havia que se impedir de qualquer forma que a curva da opinião pública chegasse a um ponto irreversível. Da leitura, ele também tirou a certeza de que o Mossad nem de leve desconfiava do acerto que ele e Mindlin tinham feito com Medeiros. Ele percebeu que os militares achavam que se tratava de mais uma grosseira manobra de corrupção que deveria se traduzir por um depósito em alguma conta na Suíça. Ele respirou aliviado quando devolveu os papéis ao coronel, que por sua vez, sem a menor cerimônia, os incinerou dentro de uma belíssima peça de prata. Positivamente, o coronel não tinha finesse, nem entendia nada de coisas finas. Klabin percebeu o constrangimento do cel. Golg, mas deu-lhe um sorriso tranqüilizador. Ele gostava daquele coronel. Ele era bem educado e culto. Positivamente não tinha nada a ver com aquele sabra mal-educado e presunçoso. Se eram esses os homens que hoje em dia dominavam Israel e cuja ascendência iria crescer cada vez mais, ele se congratulou por nunca ter sido embaído pelo canto da sereia de Israel. Ele sabia que Isarel como Estado era importante para determinadas coisas, como também sabia que sem homens como Mendel jamais aquele estado haveria de se consolidar e a consolidação era importante.

O relatório das atividades de Mendel, no Rio, chegou à CIA e à KGB com menos de uma hora de diferença. Joe recebeu antes já que para os americanos era mais fácil operar no Brasil do que para os soviéticos.

Os americanos analisou longamente a situação. Realmente estavam ocorrendo coisas estranhas na área do Mossad. Não era normal que um subchefe de operações se deslocasse desde Tel Aviv exclusivamente para falar com Israel Klabin. Ele sentiu mais uma vez que os judeus estavam preparando alguma coisa de grande. Mas o quê? Algum sequestro para um julgamento político sensacionalista? Era possível. As eleições estavam chegando e pelo que ele sabia, a menos que ocorresse algo de espetacular, era certo que Beguin perderia a eleição. Mas seqüestrar quem no Brasil? Não havia nenhum criminoso de guerra aqui que produzisse um circo à altura das necessidades. Havia gente assim na Argentina, no Paraguai e no Chile. Talvez na Bolívia. Mas montar o QG de uma operação assim no Brasil, no Rio de Janeiro, tão longe da fronteira? Não parecia verossímil, mas como as coisas do Mossad, principalmente por sua ousadia, sempre tinham lances surpreendentes e os riscos corridos eram sempre muito grandes, resolveu considerar até essa possibilidade e alertou para isso Washington e os escritórios da Companhia no Chile, Paraguai e Argentina.

Já o cel. Ilukin, que dispunha dos dados de Bagdá que a CIA desconhecia, evoluiu para outra forma de raciocínio. Era certo que iria haver algo de grande entre o Brasil e o Iraque e era também certo, dentro de sua ótica, que o Mossad havia despachado para o Brasil um dos seus mais eficientes homens de operações para frustrar o que quer que fosse que se estava pretendendo fazer. Como ele não sabia o que era, entrou em parafuso. Começou a imaginar que se conseguisse frustrar os propósitos de Israel marcaria pontos muito altos em Moscou, já que daria condições ao seu governo de aumentar sua influência em Bagdá. Isso certamente representaria uma promoção, até possivelmente a chefia do setor da América do Sul da KGB. Essa chefia significaria uma promoção para general, uma datcha no Mar Negro, uma limousine Zil com motorista, um aumento considerável nos seus vencimentos e um salto que colocaria no caminho seguro e tranqüilo do alto escalão da comunidade de segurança da URSS, de onde dificilmente alguém poderia derrubá-lo. Entrando nessa faixa, ele estaria com seu futuro assegurado e o que é mais importante, sairia da área de intrigas e traições que caracterizavam o escalão secundário da KGB. Seria enfim a sua tranqüilidade para uma velhice digna e respeitada.

Foi com esse estado de espírito que o chefe da KGB no Brasil instruiu seu imediato para que fosse a S. Paulo, assumisse a chefia das operações locais, uma maneira muito contundente de demonstrar seu desagrado com a organização de lá, e apressasse o andamento das coisas. Foi por causa dessa decisão que tudo começou a se precipitar e jamais o cel. Ilukin

conseguiria imaginar que ele, sem querer, determinara o início dos acontecimentos tão graves, que ao final acabariam por se refletir sobre a estrutura de todos os serviços de informações que operavam no País, bem como com terríveis repercussões inclusive na Presidência da República do Brasil.

PRIMEIRO ROUND EM BRASÍLIA

Já no aeroporto percebeu que não ia ser fácil. Ao contrário do habitual, em vez do motorista, teve o desprazer de ver o cel. Dirceu à sua espera. Esse era bem o estilo de Aryzinho. Queria dar solenidade a sua chegada e com isso demonstrar seu desprazer pelas coisas que tinham acontecido em São Paulo. Aryzinho achava que com isso já enfraquecia o interlocutor, que desde o aeroporto até a chegada ao edifício da Agência Central fica-se atormentando e sendo espicaçado por Dirceu. Dirceu era o cão de fila de Aryzinho. Ele se prestava a qualquer papel. Desde que passara para a reserva, já que não tinha conseguido fazer a Escola de Comando e Estado-Maior, se submetia a todos os papéis para que todo fim de ano seu contrato de prestação de serviços com o SNI fosse renovado.

A aversão de Neiva por Dirceu era física e moral. O cel. Dirceu era um oficial amargo, com problemas com a mulher e as duas filhas. Padecia de uma enfermidade cutânea, aparentemente sem cura, que fazia com que se escamasse o tempo todo. Os colegas de trabalho diziam que era fácil saber por onde andava Dirceu, era só seguir as caspas que ele ia soltando pelo caminho. Ao que se lembre, Neiva nunca vira Dirceu de roupa esporte. Ele sempre usava ternos escuros, de confecção barata, camisa bege-clara, que Neiva imaginava fosse para disfarçar o líquido que as feridas dele dissoravam permanentemente, e uma gravata bem fina que há muito perdera a definição de suas cores, se é que algum dia tivera essa definição. A aversão moral era mais intuitiva, já que nem Neiva, nem ninguém dentro do SNI sabia que Dirceu era assalariado da CIA. A conversa de saída não foi boa.

– O Aryzinho pediu-me que viesse recebê-lo.
– Hum.
– Ele parece preocupado com você. O que é que houve?
– Por que você não pergunta a ele, heim Dirceu?
– Você está nervoso?
– Não, por que é que haveria de estar?
– É a sua maneira de responder as coisas.
– Você foi instruído a irritar-me, Dirceu?
– Claro que não. Você está maluco. É uma deferência vir recebê-lo

– Você quer saber de uma coisa, Dirceu? Eu dispenso a deferência e a sua companhia.

– Está vendo só? Você está mesmo nervoso, Neiva. O que é que está havendo?

– Vá a merda, Dirceu, e cale a boca, tá?

A sede do AC do SNI fica a uns quinze minutos do aeroporto de Brasília, no Setor Policial Urbano. O edifício de 4 andares foi construído em uma grande área onde também se acomoda a sede da Escola Nacional de Informações, onde todos os funcionários são obrigados a fazer um de seus muitos cursos antes de serem admitidos no quadro efetivo de funcionários do Serviço. Todos trabalham por contrato, com prazo máximo de um ano. Isso só não se aplica aos oficiais das Forças Armadas da ativa que prestam serviços no SNI. Quando vão para o SNI eles entram no quadro de agregados da corporação a que pertencem.

– Como vão seus filhos?

– Vão bem, Aryzinho. Tem uns 10 dias que não os vejo. Eles vivem com a mãe e se não me procuraram deve estar tudo bem. E o seu pessoal, sua mulher, sua filha e seu genro? Alguém me disse que você vai ser avô. É verdade?

– Vai tudo bem. Essa história de avô deve ser sacanagem de alguém. Ainda é cedo. A menina é muito assentada. Ela quer definir algumas coisas antes de tomar a decisão de ter filhos.

– Então é como o pai, disse Neiva provocadoramente. Quer tudo certinho para depois tomar a grande decisão.

– Por falar em tudo certinho, é bom a gente esclarecer logo o problema que você criou em S. Paulo, e depois o Nini quer falar com você.

– Eu não criei nenhum problema. Eu me recusei a abrir a fonte de minhas informações e, como oficial de informações que se supõe você seja, deve saber que isso é um privilégio meu.

– Mas você recebeu uma ordem para abrir diretamente de um general, que por acaso é chefe da sua Agência.

– Eu concordo plenamente que por acaso ele é chefe da Agência. Só um acaso é que poderia levar um muar daqueles para a chefia de uma agência como a de SP.

– Bem que o Dirceu me disse que você estava muito nervoso. Veja se isso são modos de se referir a um general e, o que é pior, que é seu chefe.

– Eu não estou nervoso porra nenhuma. Você sabe que eu não gosto do Dirceu e mandou-o ir receber-me só para me irritar. Para a alegria daquele leproso eu deixei a impressão de que ele, conforme você mandou, havia conseguido irritar-me.

– O Dirceu é boa pessoa. Ele é doente. E eu não o mandei recebê-lo para o irritar.

– Deixa isso para lá, Aryzinho. Eu o conheço melhor que toda essa pu[illegible]. Não conte histórias para mim que não vai adiantar. Você guarde es-

sas histórias para o Nini e o Medeiros. Não para mim, que não adianta.

– Vamos deixar isso para lá antes que você fale mais bobagem. Você está nervoso mesmo. Nós precisamos saber qual é a sua fonte e ponto final.

– Para que Aryzinho? Vai haver mais algum atropelamento, mais um assalto não esclarecido ou uma superdose?

– Eu não estou brincando, Neiva. A fonte, e é para já.

– Você não me assusta não Aryzinho. Nem você nem ninguém deste Serviço; eu os conheço muito bem e sou bem melhor do que todos vocês juntos. Não vou abrir a fonte até a hora em que você consiga me convencer de suas razões. Fora daí nada feito.

– A coisa toda é muito quente e está em nível muito superior ao nosso. Eu estou me limitando a cumprir ordens, tá?

– Não está, não. Se a coisa é tão alta quanto você diz é bom que você e esses altos saibam que está muito malfeita e os dados que eu tenho não deixam as pessoas envolvidas nada bem, tá?

– Que dados são esses? Você não passou tudo que você tem?

– Não. É lógico que não.

– E por que, se mal lhe pergunto?

– Por três razões principais e várias outras secundárias. A primeira delas foi o ataque histérico do jumento lá de S. Paulo; a segunda, foi o seu comportamento e a terceira, total e absoluta falta de confiança em vocês. Agora você está satisfeito?

– O que e exatamente que você quer dizer com isso, Neiva?

– Acho agora, Aryzinho, que quem está nervoso é você e não eu. Eu queria que o Dirceu visse isso.

– Vá à merda, Neiva. Não está na hora de brincadeiras. O gal. Newton está esperando.

– Eu não estou brincando e o general, pelo visto, vai esperar muito.

– O que é que você quer que eu diga a ele?

– Exatamente o que eu lhe disse.

– Isto é, que você se está insubordinando, não é?

– Não Aryzinho. Não foi isso que eu disse. Eu disse que só abro a fonte se você ou sei lá quem mais convencer-me dessa necessidade, e o que eu vi até aqui não apenas não me convenceu como, muito pelo contrário, fez com que eu acredite ter sido muito prudente em não abrir a fonte.

– Ouça, Neiva. Esse negócio está muito acima da gente. Nem eu tenho todos os dados.

– Então é bem mais grave do que eu pensava. São amadores mexendo com dinamite. Isso vai estourar na cara de todo mundo, inclusive na sua, Aryzinho.

– Até onde você chegou nisso, Neiva?

– Se a operação está acima de você, é evidente que eu não posso abrir

para você, não é? É um problema de nível de segurança, não é? Vocês prezam isso tanto aqui e como é que faz agora?

– Larga mão de dizer besteiras, Neiva.

– Não é besteira, não, Aryzinho, ou você está mentindo para mim?

– Você sabe que eu não minto, Neiva.

– Só quando está dormindo e não parece ser o caso agora.

– Você está brincando outra vez, Neiva.

– Eu não estou brincando, não. Vocês é que estão brincando e vão acabar se machucando com isso.

– Não tem jeito. Eu vou falar com o gal. Newton. Você espera aqui, tá?

– Não está, não. Eu vou almoçar na cidade e depois volto. Mande um carro ficar a minha disposição, assim você fica sabendo onde fui e com quem fui.

– Você está brincando outra vez. Eu pensei que a gente fosse almoçar juntos, como a gente faz sempre.

– Agora é diferente de sempre. Vocês estão querendo jogar-me para cima eu não quero ser jogado para cima. Eu não vou almoçar com você.

SEGUNDO ROUND: NEIVA X NINI

O gabinete do gal. Newton de Araujo Oliveira e Cruz fica no terceiro andar do edifício-sede da AC. É luxuosamente mobiliado. Uma mesa ao fundo, ao lado dos telefones, inclusive o vermelho, à direita, o triturador de papel. Três cadeiras, estofadas, completam esse jogo. À esquerda da sala, uma grande mesa de reuniões, que o general usava para despachar normalmente, com 10 cadeiras. À direita, ao lado das janelas, toda a parede, como de resto todo o edifício, era de vidro à prova de balas dando uma vista sobre um grande descampado, um jogo de poltronas de couro marrom, uma tripla e duas individuais, com uma mesa de centro. Na sala do general não havia quase nenhuma decoração, à exceção das fotografias de todos os ex-chefes da AC, algumas placas de prata com menções especiais ao SNI outorgadas por alguns Governos da América do Sul, notadamente o argentino e o chileno. O lambris de madeira, em vez de dar ar de sobriedade e seriedade como deve ter pretendido o decorador, dava àquela sala um ar lúgubre.

Enquanto Neiva almoçava sossegado, o gal. Newton teve pelo menos três crises. A primeira, quando Aryzinho lhe transmitiu a conversa que teve com Neiva. A segunda, logo depois, quando se preparava para ir jogar peteca. O general nunca almoçava. Ele estava muito gordo e na hora do almoço jogava peteca com algum infeliz que ele escalava sempre de

véspera. É que o gal. Medeiros, após conversar com Israel Klabin, lhe dera a data fatal da entrega do urânio em Bagdá, determinando que todas as providências fossem apressadas para não haver nenhuma dificuldade de última hora e finalmente quando tentou localizar o governador Paulo Maluf e descobriu que ele apenas voltaria a S. Paulo na quinta-feira, já que, na companhia de vários secretários, inclusive o da Tecnologia e Cultura, promovia uma vilegiatura política pelo interior, inaugurando uma série de obras públicas, com as quais esperava angariar os votos necessários para modificar a expectativa eleitoral do Estado, àquela altura, francamente favorável à oposição, como aliás, de resto, em quase todo o Brasil.

Assim, quando Neiva voltou à AC, teve de ficar mais de uma hora à espera de Aryzinho na seção de operações. Ele não se aborreceu. Muito pelo contrário. Aproveitou o tempo para aperfeiçoar a técnica que pretendia desenvolver em sua conversa com o general. Teve oportunidade de conversar e desta feita divertir-se muito com o cel. Dirceu, já que por mais de meia hora ficou gozando-o, não apenas com a agitação que ele provocara, mas que certamente Ary não havia transmitido a Dirceu. A aflição daquela cara de fuinha divertia Neiva. Não bastasse isso, repisou mais de uma vez o problema da ECEME. Dirceu não tolerava que seu nível intelectual fosse posto em que pelo simples fato de ele não ter feito a Escola e foi exatamente, com muita habilidade e descontração, o que Neiva conseguiu fazer. Ele agora tinha certeza que tinha estragado o dia de pelo menos três e se dispunha a levar o gal. Newton ao ridículo mediante a provocação do seu temperamento muito explosivo. O general perdia o controle rapidamente e toda vez que ficava nervoso fazia besteiras e habitualmente falava demais, e era exatamente isso o que Neiva queria.

– Então você está-se insubordinando, disse, praticamente aos gritos o gal. Newton, assim que Neiva entrou na sua sala. Ele e Ary estavam sentados e nenhum dos dois se lembrou de mandá-lo sentar-se.

– Não general, não me estou insubordinando não. Estou me limitando a exercer o direito de guardar o sigilo da minha fonte de informações, respondeu Neiva, já sabendo que o general tinha partido sem mais delongas para a técnica da intimidação. Vai ser mais fácil que eu pensei, disse Neiva para si mesmo.

– Direito porra nenhuma. O direito do militar é obedecer. Você é coronel e eu sou general. Eu estou lhe dando uma ordem e você tem que cumpri-la. Entendeu?

– Entendi, general.

– E então?

– Então o que, general?

– Quero saber qual é a fonte.

– Lastimo general, mas não vou abrir.

– Eu lhe prendo seu desgraçado, vagabundo, coronelzinho de merda.

– Há duas coisas general que o senhor parece que se esquece. O RDE me assegura o direito de não ter que me submeter à incontinência verbal de nenhum superior, e, quanto à prisão, quero informar-lhe que irei ao Conselho de Justificação e não sei como é que o senhor vai explicar nesse Conselho que o SNI foi envolvido em uma aventura com um bucaneiro árabe para vender urânio para o Iraque. E tem mais general. É bom que o senhor saiba que eu não tenho medo dós seus gritos, de sorte que se a gente não conversar direito e eu não ficar convencido que isso tudo não passa de mais uma trameca em que se meteu o Serviço é bom que o senhor mande prender-me já.

Foi nessa hora que Aryzinho achou conveniente entrar com sua política moderadora. Para Neiva e para todos os graduados do SNI, era um mistério o poder que Ary tinha sobre Nini.

– Calma, Neiva. Um momento, general. Nós já fizemos tanta coisa juntos que não há razão para um desentendimento mais grave.

– Merda nenhuma – atalhou o general – esse cara está pensando que é o quê?

– Não é bem assim – prosseguiu pacientemente Aryzinho – Vamos ver exatamente a posição do Neiva. No final das contas, ele é nosso companheiro de muitas jornadas. Ele deve ter suas razões para estar preocupado. Aliás general, até eu, devo dizer-lhe, não sei bem como é toda essa operação e por não saber bem como ela é que não pude conversar melhor com ele lá no meu gabinete hoje cedo.

O general ficou olhando para os dois, depois, como que acordando de um sonho, perguntou a Neiva:

– Por que é que você está de pé até agora?

– Só porque o senhor não me mandou sentar até agora.

– Então estou mandando, ora porra. Vê se senta logo e acaba com essa frescura.

Neiva se sentou ao lado de Aryzinho, de frente para o general na outra cabeceira da mesa, e o ambiente começou a ficar mais sereno. Aryzinho sorriu e Neiva pensou consigo mesmo: como é possível eu só perceber agora que tipo de gente é essa e como é que o país se agüenta com eles mandando em tudo e todos.

– General, prosseguiu Aryzinho com muita habilidade–, hoje de manhã o Neiva manifestou preocupação com a maneira como toda operação está sendo conduzida. Ele, por alguma razão que ainda não disse, está achando que tudo isso vai explodir na nossa cara.

– A coisa está sendo muito bem conduzida, interrompeu o general, já começando a exaltar-se outra vez.

– Veja general, disse Neiva, da maneira como isso chegou a mim não é difícil que tenha chegado a outras pessoas. Eu não ficaria sur-

preso se o Mossad, a CIA e a KGB já não estivessem por dentro. Tudo vazou de maneira muito fácil.

– É por isso que nós precisamos saber da sua fonte, para acabar com os vazamentos, volveu o general.

– A minha fonte não é a única que tem acesso a isso, portanto, mesmo que eu abra, os vazamentos vão continuar.

– Aryzinho, porra, como esse cara é teimoso. Explique as coisas para ele já que tudo vai sair da área dele e ele vai acabar sabendo de uma maneira ou de outra e é bom que ele conheça a versão correta.

– É difícil para mim general. Eu não conheço toda a história. Só sei de partes dela e todas operacionais, respondeu Aryzinho.

O general ficou quieto por quase um minuto. Olhava para um, ora para outro e às vezes mexia em alguns papéis. Foi nessa hora que tocou o telefone vermelho. Nini levantou-se rapidamente da mesa e foi-se balançando para o fundo da sala para atender. Para Neiva, o tamanho da bunda do general, quando ele andava mais depressa, sempre era motivo de riso e foi com muita dificuldade que se conteve para não cair numa gargalhada. O general atendeu o telefone, respondendo com evidente mau humor ao ministro:

– Não, Medeiros, não consegui falar. Aquele turco filho da puta está viajando pelo Interior e só vai voltar 5ª feira.

– O Palma está com ele Medeiros, prosseguiu respondendo o general.

– Eu já mandei avisar que era urgente. Vamos ver se ele toca. Eu acionei o pessoal do DEOPS. O Tuma disse que iria cuidar disso pessoalmente.

– Ele está aqui na minha frente. Estamos conversando.

– Eu acho que devemos abrir para ele tudo, vai ser lá na área dele e ele vai acabar sabendo de tudo mesmo. Assim é bom. É mais um em quem podemos apoiar-nos.

– O vazamento foi na área do governador, com certeza.

– Não, ainda não sei ao certo, mas eu chego na fonte dele, pode ficar calmo.

– E você acha que eu tenho culpa que esse turco filho da puta fale demais? Eu avisei desde o começo que o Maluf não era confiável. Ele vende até a mãe. Eu sei como é isso.

– Está bom. Eu dou notícias. Até logo.

Virando-se para os dois, Nini desabafou:

– Desde que começou esta merda que eu estou avisando que esse turco ia arrumar uma cagada. Aí está.

Foi assim que Neiva foi inteirado de tudo o que Nini e Aryzinho sabiam sobre a "operação Yellow Cake" e que por alguma razão mis-

teriosa o prazo da entrega do minério tinha sido subitamente abreviado para 25 dias. Eram 70 toneladas de urânio, a ser entregues aos iraquianos no aeroporto militar de São José dos Campos e que eles as retirariam de lá em dois aviões que viriam ao Brasil com o pretexto oficial de transportar material bélico comprado por intermédio da INBEL e que como compensação o Brasil teria assegurado preços privilegiados e quantidades cada vez maiores de petróleo. Que o governador Paulo Maluf fora envolvido na operação para,na eventualidade de ocorrer algum imprevisto, poupar o Governo Federal de constrangimentos.

– Quem conduziu esses entendimentos general?, perguntou Neiva.

– Foi o Medeiros.

– E o Maluf concordou em fazer isso, correr o risco, sem mais aquela?

– Como assim?

– Qual o compromisso que temos com o governador agora, general? Ou será que o senhor acha que ele fez tudo isso de graça?

– Nenhum compromisso, é lógico. Que tipo de compromisso que poderia haver?

– Ah, eu não sei. Facilidades para as pretensões dele, eu acho.

– Não. Não tem nada disso. Mas a conversa do general soava falso. O ambiente no gabinete começou a ficar ruim outra vez. Os três entenderam, sem sequer terem que falar, intuitivamente, que era melhor suspender a reunião, já que todos eles estavam sendo logrados, ou pelo governador, ou então, o que é mais grave, pelo próprio ministro. As despedidas não foram boas e o general, aparentemente, não quis mais saber qual era a fonte de Neiva.

No gabinete de Aryzinho, a conversa entre os dois continuou, já que ambos pareciam insatisfeitos com as explicações do general e o constrangimento de Nini fora tão evidente que não poderia ser ignorado.

– Agora você está satisfeito, Neiva? Ficou sabendo de tudo e não adiantou.

– Tudo, Aryzinho?

– Bem, pelo menos eu acho que tudo o que o Nini sabe.

– Isso pode ser, mas pelo que eu vi ele sabe bem pouco, não é?

– É. Parece que sim.

– E você o que acha disso?

– Sabe, eu desde há muito tempo me acostumei a cumprir ordens e não avançar sinais. Há coisas que estão acima de nossa posição e entendimento.

– Eu não acho isso não, Aryzinho. Eu acho é que há coisas que estão acima de nossas funções, mas, por profissionalismo, nós devemos

empenhar-nos ao máximo para conhecê-las por inteiro e quero dizer-lhe que não estou nada satisfeito com essa história do urânio.

– Não há nada que possamos fazer. Eles decidem e determinam. Nós obedecemos.

– Nem sempre é assim, sabe Aryzinho. Às vezes, e não foram poucas, nós tivemos que interferir para evitar grandes cagadas.

– Mas como é que podemos colocar esse problema? Você não viu o que quase dá a sua teimosia com o Nini?

– Ora Aryzinho, nós dois sabemos que não ia dar em nada. Vê se ele é louco de chegar com uma bomba dessas a um Conselho de Justificação

– Mas ele demonstrou confiança em você, Neiva.

– Ele ficou sem escolha Aryzinho, ou acertava ou corria os riscos e ele sabe bem, como você também sabe, que eu não tenho medo de chave de galão.

– A conversa com você está ficando difícil.

– Não é a conversa que está ficando difícil. É que eu sou diferente de vocês dois. Isso tudo me preocupa tanto quanto a vocês dois, mas eu não coloco minhas funções acima de determinadas coisas.

– Eu posso interpretar isso como ofensivo, Neiva. Tenha cuidado com o que você fala.

– Quando eu estou certo, não tenho é que ter cuidado com nada. Você e ele é que devem ter cuidado. Vocês estão sabendo dessa história do urânio desde o princípio e se mantiveram, ainda que engajados no assunto, a uma distância prudente. Eu não. Eu entrei no negócio sem saber e agora que fui colocado por dentro, praticamente à força, vou até o fim. Quero deixar bem claro que não tenho confiança no Maluf e estou desconfiado de tudo isso. As explicações que recebi, longe de serem convincentes, na verdade foram assustadoras e eu vou chegar ao âmago do problema por conta própria.

– Você está sendo desnecessariamente agressivo e isso tudo pode ser muito perigoso.

– Aryzinho, é bom que você saiba e quem mais você achar de direito que eu não tenho medo de perigos nem de perder minha função. O cargo na Agência SP está a sua disposição e você pode botar lá um Dirceu desses da vida, assim você jamais terá problemas como os que você está tendo agora.

– Mas qual é a sua, Neiva? Você quer briga mesmo?

– Eu não quero briga, mas também não aceito ser empulhado. Eu já estou cansado dessas conversas todas que não levam a nada. Nós, na verdade, estamos feito baratas tontas fazendo besteira atrás de besteira enquanto esses senhores que arrotam autoridade e dignidade da função estão dilapidando a Nação. Estou cheio de levantar assuntos

que quando chegam ao nível de algum coronel bem colocado, um general ou um político qualquer com ligações no Planalto, param e a ladroeira continua. Nesse caso do urânio, eu não sei se é o Medeiros, mas que há alguém bem situado que está fazendo uma jogada qualquer, isso há e nem você nem ninguém me convence do contrário.

– Eu acho que você está nervoso. É melhor você ir refrescar sua cabeça em SP.

– E é o que eu vou fazer.

A despedida entre os dois foi muito ruim. Quando o cel. Dirceu apareceu para acompanhá-lo ao aeroporto, Neiva pura e simplesmente mandou ele à merda e dispensou sua companhia. Foi embora apenas com o motorista, deixando o outro constrangido e aturdido na garagem da AC. Foi assim que Neiva entrou na lista dos não-confiáveis do SNI.

A BOMBA EXPLODE

Enquanto Neiva ainda voava no 727 da VASP, Aryzinho, no despacho normal do fim de tarde, chegava à conclusão com o gal. Newton que o coronel de SP havia perdido a confiança do Serviço. Imediatamente foi enviado um telex determinando a Neiva que entrasse em férias, e ele tinha duas atrasadas.

Neiva soube da morte de Cristhiane assim que saltou no aeroporto de Congonhas. O adjunto lhe contou que no sábado à tarde o corpo dela fora localizado em motel que alugava chalés, na rodovia dos Imigrantes. Os médicos tinham atestado uma superdose de droga e que tudo demorara porque a identificação tinha sido feita naquela manhã. Parece que ela tinha ido a uma festa na 6ª feira e como ela, viajava muito sem avisar, a falta fora dada apenas na noite de domingo. Neiva achou estranho a causa mortis, já que a moça não era dada a bebidas e muito menos a drogas. Quis saber quem era o médico e os dois seguiram diretamente para a Polícia Técnica. Lá foi difícil. Ela era filha de um secretário de Estado todo-poderoso. No entanto, após muita pressão, ficaram sabendo que se tratava de sucinilcolina, um produto químico que leva as pessoas a falar tudo e que era muito perigoso, até mesmo fatal, quando aplicado em excesso e que esse fora o caso. Chegando ao escritório ainda naquela noite, ele teve conhecimento do telex que praticamente o afastava do SNI. Aí ficou tudo claro. Os filhos da puta, por incompetência, haviam assassinado Cristhiane enquanto ele estava no Rio. Enquanto eles conversavam em Brasília, todos eles sabiam que ela estava morta e nenhum deles disse-

ra nada. Agora todos iam negar. Iriam fazer investigações rigorosíssimas que a rigor jamais conduziriam a qualquer lugar e tudo ficaria como antes. Positivamente essa gente tinha que ser afastada do poder e punida.

O enterro foi cedo, no dia seguinte. Neiva não precisou representar seu pesar. Ele realmente sentia a morte de Cristhiane e o que é mais grave, se achava culpado. Depois do cemitério, foi para a Agência. Não comentou nada com ninguém. Passou a considerá-los todos inimigos. Passou o dia recolhendo suas coisas pessoais, tomando as últimas providências e por três vezes não entendeu o telefonema de Ary. Ainda que ninguém dissesse nada, todos percebiam que o fim da carreira de Neiva nesse governo tinha finalmente chegado. Num ambiente de constrangimentos ele se despediu do seu pessoal e foi para casa. Os noticiosos deram a informação da bomba do Riocentro, em edições extras, por volta de 23 horas. Tudo ainda muito confuso. Mas pelo que se inferia das notícias, a coisa era realmente grave. Ele desceu e ligou de um telefone público para a casa do gal. Leônidas e aí ficou sabendo do resto. Um capitão mutilado, um sargento morto, ambos do DOI-CODI, e todas as características de um acidente de trabalho. Marcou um encontro com o general para o dia seguinte, ao fim da tarde, no Rio. O telefone tocou várias vezes madrugada adentro. Ele não atendeu. Tinha sido posto compulsivamente em férias. Fodam-se. Juntou suas coisas mais importantes e fez duas malas. Logo cedo chamaria um motorista de sua confiança para levar seu carro para o Rio e embarcaria, pela ponte-aérea, ainda antes do almoço. Ele queria situar-se em alguns problemas na área carioca e testar alguns contatos na comunidade que lhe pareciam fiéis em termos pessoais.

Ele chegou ao Rio por volta de dez e meia. Eles estavam todos loucos. Mesmo assim conseguiu avistar-se com o pessoal do CIE, do SISA e do CENIMAR. Até dois amigos seus do SNI haviam estado com ele, mas fora da Agência. Não havia dúvidas. Fora realmente um acidente de trabalho e as ordens tinham vindo de um escalão muito alto, senão como explicar o enterro imediato do sargento, com honras de herói e com a presença até do comandante do I Exército? O problema agora era evitar o escândalo até onde era possível. Depois da bomba, fora tudo amadorístico e o que é pior, a TV Globo e alguns fotógrafos haviam conseguido fotografar mais três bombas dentro do Puma semidestruído. A preocupação de todos era como salvaguardar as Forças Armadas e principalmente o Exército. Neiva sentiu entre diversos oficiais, inclusive em nível de general, que ninguém estava aceitando com tranqüilidade a situação. Alguns estavam até mesmo histéricos, não aceitando que um pequeno grupo encastelado no Governo continuasse a fazer cagadas e tudo desabasse sobre os militares. Havia começado a se formar uma corrente de opinião, que parecia muito forte, no sentido de salvaguardar as instituições militares a qualquer preço, mas que também pretendia a punição

dos culpados em qualquer nível que eles estivessem. Os oficiais começavam a dar mostras de não aceitar mais a situação de guarda pretoriana que lhes havia sido imposta. Se isso germinasse como prometia, ocorreriam fatos para os quais o governo não estava preparado. Foi com essas informações que ele foi para a rua Aperanas, no Leblon, ao encontro do gal. Leônidas.

– Está tudo muito ruim, disse o general quando cumprimentou Neiva. Ele estava abatido fisicamente e revoltado com tudo aquilo que tinha acontecido. Neiva sentiu que poderia contar com o velho Leônidas logo nas primeiras palavras. Eles trocaram informações entre si sobre a bomba. Salvo pequenas diferenças, o teor era o mesmo. De um lado, perplexidade e revolta. Do outro, a certeza que a ordem para a operação viera em nível de comandante de Exército ou dali para o alto. Disso também não havia dúvida alguma. Aí Neiva contou ao general a história do urânio e as condições da morte da filha de Palma. Foi nesse momento que Leônidas lhe perguntou o que ele sabia sobre a presença deMendel no Brasil. Neiva não sabia de nada. Mas ambos acharam essa presença muito sintomática e indicativa de que coisas muito mais graves do que eles podiam supor estavam acontecendo no país. Eles se puseram de acordo sobre procedimentos comuns a serem adotados, bem como de contatos a serem feitos em áreas militares com profissionais corretos que não concordavam com o que estava acontecendo. Ficou combinado que, pelo menos por hora, não havia maiores riscos de eles serem vistos juntos já que todos estavam muito preocupados com o Riocentro para se deterem em encontros de dois velhos amigos, que por coincidência estavam de férias no Rio de Janeiro. Foi assim que nasceu, da conversa desses dois homens angustiados e revoltados com a situação, o que mais tarde ficou sendo conhecido como a Conspiração dos Turcos e que provocou grandes e graves modificações em toda estrutura nacional, inclusive com a quebra do pacto social e econômico.

A noite da bomba em Brasília havia sido muito agitada. O ministro jurara ao presidente que não sabia de nada e já havia despachado para o Rio o gal. Braga. É evidente que as instruções eram secretas. Todos os vestígios de qualquer ligação do Gabinete com o Riocentro deveriam ser destruídos, até mesmo, se necessário, com a supressão física do capitão. A preocupação era que ele, em um momento de fraqueza, contasse para alguém que a operação fora coordenada pelo chefe do DOI-CODI. Daí até o chefe do CIE e o ministro era um simples problema de tempo. O tempo mostrou que o gal. Braga, se não se saiu tão bem quanto era necessário, não foi tão mal quanto era temido e que mesmo com todas as suspeitas levantadas, ninguém teria coragem de levar a coisa adiante e que para surpresa geral o capitão, ao contrário do que se esperava, não apenas se portou muito bem, como também, mesmo meio mutilado,

soube negociar seu silêncio.

Pela manhã do dia seguinte, o presidente reuniu o ministro do Exército, o chefe do SNI, o chefe da Casa Civil e o chefe da Casa Militar, para tentar situar-se no problema e traçar uma estratégia de comportamento face ao escândalo. Nessa reunião ficou evidente uma divisão. O chefe da Casa Civil, gal. Golbery do Couto e Silva, que foi o fundador do SNI, que havia sido chefe da Casa Civil do Governo anterior e que fora mantido no cargo por Figueiredo como parte dos compromissos assumidos com seu antecessor e principal eleitor, divergia frontalmente da opinião de todos os outros. Enquanto eles queriam abafar tudo, ele exigia uma apuração rigorosa do atentado e a punição de todos os culpados. Para Golbery, era a única maneira de lavar a face ante a opinião pública nacional e internacional e o que era mais importante, junto ao público interno, ou seja, os militares, onde ele sentia que o presidente e todos os seus ministros perdiam substância de uma maneira rápida e muito perigosa. Ele insistia na tese de que esse atentado deveria ser usado para a redenção do Governo em todas as áreas, inclusive nas da oposição política. A tese dele, que depois se viu ter sido a certa, era de que o Riocentro deveria ser usado para fortalecer o Governo, ainda que, aparentemente sacrificando alguns dos envolvidos. Ele achava que todos eles seriam facilmente colocados em empresas particulares que dependiam do Governo, notadamente as empreiteiras e que ao fim e ao cabo, todos ficariam bem.

A sua tese foi derrotada pelas reações até mesmo violentas dos generais Pires, Medeiros e Venturini. A reunião terminou muito mal, estabelecendo-se, a partir daí, uma grande divisão no Governo. Particularmente o relacionamento com o chefe do SNI se azedou face aos termos pesados empregados por Medeiros e as respostas inteligentes de Golbery, que deixaram o homem do SNI em verdadeiro ridículo ante todos. Os dois saíram dali inimigos irreconciliáveis. Tendo predominado a linha de pensamento da maioria, o Governo começou a se movimentar para abafar o escândalo e o fez, com a sua notória falta de sensibilidade. A saída de Golbery, a contar desse dia, entrou em contagem regressiva. E com ela toda a estrutura do Governo, ainda que nenhum dos presentes, naquele momento, o tenha percebido.

Para o cel. Ilukin aquele fim de semana havia sido bom. Ainda que ele não tivesse aprovado a morte da moça, que ele achara um risco desnecessário, ele havia conseguido informar a Moscou que o Brasil ia fazer uma entrega de urânio ao Iraque e que o Mossad devia estar ativo no Brasil juntamente para impedir isso, e foi justamente dentro dessa ótica que ele interpretou a bomba do Riocentro. A informação foi de que os judeus, através de interpostas pessoas, ou por agentes subornados, haviam tentado demonstrar ao Governo brasileiro que essa transação não seria digerida com facilidade por Tel Aviv, mas como os homens escolhidos eram inel

cientes, tudo se transformara em um grande fiasco, que agora se encaminhava para um escândalo de grandes proporções.

Já para a CIA, que não dispunha dos dados sobre a venda de urânio, tudo não passou de uma operação malfeita, por radicais do Exército, que não concordavam com o processo de redemocratização que se tentava implantar no Brasil. Joe informou que essa bomba poderia representar o início de uma grande cisão dentro do Governo, uma vez que não havia dúvidas que a decisão de jogá-la havia partido de escalões muito altos e que o próprio ministro do Exército, se não estava envolvido diretamente, procurava agora acobertar os autores para com isso tentar consolidar a sua imagem junto ao público interno. Quando Joe apertou o cel. Dirceu, percebeu que ele não tinha idéia da origem da coisa, mas estava preocupado com a repercussão negativa dentro da tropa. Isso podia também significar o início de uma grande divisão no meio das Forças Armadas e, ao ocorrer isso, Joe não tinha dúvidas que o presidente Figueiredo não se agüentaria no Planalto.

Mendel, na mesma noite em que estourou a bomba, procurou Israel Klabin para fazer uma avaliação sobre as repercussões que isso poderia ter sobre a exportação do urânio e para saber até onde isso tudo poderia levar de roldão a oligarquia que atualmente mandava no Brasil. Na mesma hora em que Neiva estava na casa de Leônidas, o coronel enviava um alentado relatório para seu chefe, tranqüilizando Tel Aviv quanto a qualquer risco. Para o Mossad, mesmo que ocorresse qualquer movimento de insatisfação entre os militares, o processo todo apenas eclodiria em 60 dias, o que significava que a essa altura não apenas o urânio estaria entregue, como também a força aérea já teria construído a usina atômica iraquiana. Tel Aviv respondeu, instruindo-o para que se fizessem relatórios diários sobre a evolução da situação militar e política e que esses relatórios, antes de serem enviados, deveriam ser submetidos a Klabin ou a Mindlin. Havia uma recomendação expressa nessas instruções no sentido de que ele evitasse maiores contatos com o cel. Golg, que neste mesmo momento estava sendo instruído para operações específicas e especiais, as quais em hipótese alguma deveriam ser baralhadas com as suas atividades. Isso, para Mendel, significava uma limitação de atividade e mais, uma subordinação a duas pessoas que ele não gostava nem respeitava; no entanto, o simples fato de instruírem-no para permanecer na área, significava que Tel Aviv esperava acontecimentos graves e que poderiam complicar a entrega do minério físsil. O jeito era esperar.

COMEÇA A CONSPIRAÇÃO

Foi uma decisão muito difícil, no entanto, o gal. Leônidas resolveu correr o risco, já que não via outra solução ou recurso, já que as provas e as informações que se haviam acumulado em suas mãos não indicavam outro caminho que aquele. Eram 10 os participantes do encontro, inclusive o próprio Leônidas. Oito oficiais generais das Forças Armadas, todos da reserva, no entanto, os mais conceituados do Exército, Marinha e Aeronáutica, e dois coronéis. Eles foram chegando discretamente um a um e, por volta das 21 horas, lá estavam todos. Alguns demonstrando curiosidade, outros preocupação e terceiros até alguma irritação. Mas como o convite fora praticamente uma convocação, todos vieram.

O salão do apartamento acomodava todos com conforto. A decoração era discreta, misturando o tradicional, com algumas peças modernas, dando um equilíbrio agradável e que demonstrava o bom gosto dos proprietários. Havia peças de arte de várias partes do mundo, principalmente de países onde Leônidas havia servido em diversas comissões oficiais do Exército. O ambiente estava bem iluminado, ao contrário do que ocorria normalmente. É que para Leônidas era importante avaliar bem as reações dos presentes ao que se iria dizer e lhes dar condições de examinar bem os dois coronéis e a ele próprio, a quem, conforme programara, incumbiria abrir e fechar a reunião.

– Meu senhores, é uma grande honra recebê-los em minha casa, começou Leônidas. Tomei a liberdade de convidá-los a vir até aqui para que ouçam de viva voz dois depoimentos e um relato sobre coisas que estão ocorrendo no Brasil e que no meu entender comprometem de forma irremediável as nossas Forças Armadas, maculando as nossas tradições e comprometendo as corporações de maneira muito perigosa. Eu pedi a presença dos senhores aqui porque honestamente, após um exame detalhado, demorado e muito ponderado de tudo o que eu soube e de tudo o que chegou às minhas mãos, realmente não sei mais a quem recorrer, nem o que fazer para enfrentar essa situação. Quero que os senhores sejam juízes do que se dirá aqui e que ponham a experiência, tradição e conceito que têm a serviço da Nação mais uma vez para evitar que cheguemos a um desastre que nos atirará a todos por caminhos sem volta e que certamente engolfarão o Brasil num verdadeiro banho de sangue.

– Peço-lhes também indulgência para os dois coronéis que vão prestar seus depoimentos ante nós. Trata-se de dois oficiais dignos e decentes e que se se dispuseram a fazer o que vão fazer é porque chegaram à conclu-

são de que as coisas foram longe demais e eles acham que a lealdade que devem à Pátria está acima da lealdade que devem a seus chefes. Acho, honestamente, que ao fim dos depoimentos, os senhores entenderão bem o que quero dizer. Primeiramente quero lhes apresentar o cel. Luiz Carlos Araújo, chefe do DOI-CODI, do Rio de Janeiro, que vai lhes narrar exatamente o que ocorreu e como ocorreu o atentado do Riocentro, onde um sargento morreu e um capitão ficou aleijado.

Na medida em que o coronel discorria sobre o atentado, Leônidas foi recompondo na sua mente a dificuldade que tivera em convencer o coronel a chegar ao ponto em que estava. Ele agora, com o correr da dissertação, tinha a certeza de que se Araújo não se tivesse visto ameaçado de ser atirado às feras, jamais se disporia a fazer o que estava fazendo. A pusilanimidade do gal. Braga é que havia aberto o caminho para o entendimento entre ambos. Fora Neiva que levara Araújo a ele. Tanto Neiva como Araújo eram da comunidade e, em um jantar a dois, depois de beber além da conta, Araújo acabara por se abrir com Neiva, demonstrando todo o medo de, no desenvolvimento do IPM, ser atirado às feras e acabar como único responsável pelo atentado. Agora a situação era diferente. Haviam afastado o chefe do IPM e colocado outro coronel mais dócil, mas já era tarde. Araújo já estava irremediavelmente comprometido e, ainda que ele tivesse tentado à última hora não comparecer à reunião, não havia como fugir. A única preocupação de Leônidas é que pelo medo das conseqüências, o depoimento de Araújo não fosse convincente. Ele havia enfatizado muito ao coronel que se limitasse aos fatos, sem procurar justificar-se, deixando isso, para ele, Leônidas, que havia assumido o compromisso de não apenas manter sigilo de tudo aquilo, como também, de isentá-lo de qualquer conseqüência posterior, inclusive em termos de promoção. Era um compromisso imoral, mas ante a conjuntura . . .

O depoimento estava chegando ao fim. Ainda que não tivesse sido brilhante, fora bastante bom, e não havia dúvidas de que impressionara os presentes. Salvo um ou outro detalhe questionado pelos ouvintes, tudo decorrera sem apartes. E agora que Araújo terminara, um silêncio opressivo pairava no salão. Todos estavam como que atônitos.

Em seguida foi a vez de Neiva. O depoimento foi brilhante e impressionou muito. Para os ouvintes, era simplesmente incrível que esse tipo de coisas estivesse ocorrendo na República e, o que é mais grave, a coberto das Forças Armadas. Sentia-se no ar a indignação com tudo aquilo. Foi dentro desse clima que Leônidas retomou a palavra. Ele conhecia todos eles. Havia servido vários anos com pelo menos 4 dos presentes e, os outros, de encontros ao longo da carreira. Ele sabia, mesmo antes de formular a proposição, que ela seria aprovada. Havia que se fazer algo para deter tudo aquilo. A sua principal preocupação quando começou a falar

era não se deixar emocionar. A frieza com que se apresentasse naquela hora era decisiva. Ele havia preparado uma relação de dados e informações e achou melhor se ater ao documento. Dava uma impressão mais séria.

Durante cerca de 15 minutos Leônidas, com fala pausada, calma e muito fria, sem demonstrar o menor tipo de emoção, desfiou um impressionante rosário de casos de corrupção e de atos praticados por oficiais das Forças Armadas, quer da ativa, quer da reserva, que de uma maneira ou de outra estavam ligados ao poder federal ou estaduais e que comprometiam de forma irremediável a respeitabilidade das corporações militares. – "Bem senhores, a minha intenção ao promover esta reunião foi, além de colocar à consideração os fatos que acabam de ser narrados, tentar demonstrar que no correr destes anos em que estivemos no mando da Nação, quer queiramos ou não, fomos nós os militares que estivemos no mando nacional até agora, conseguimos, ou por participação direta, ou por omissão, permitir que o militar, ante a opinião pública se transformasse, sucessivamente, em torturador, assassino, corrupto e agora, finalmente, em desleal. Perdemos a respeitabilidade, a admiração que antes as Forças Armadas despertavam no povo. A coisa é tão grave que até mesmo se andar fardado nas ruas de nossas cidades é hoje um risco. Muitos oficiais, e os senhores sabem disso tão bem quanto eu, têm vergonha de usar seus uniformes fora das corporações em que servem. Posso assegurar-lhes, por outro lado, que como eu, há muitos de nossos companheiros que não concordam com o que ocorre, bem como se mostram dispostos a tomar iniciativas para recolocar as coisas nos seus devidos lugares e promover ações com as quais pretendem reconquistar o respeito geral e a admiração nacional, antes que seja muito tarde. Colocados esses fatos, antes de encerrar, gostaria de dizer que a minha intenção é evitar que ocorram fatos isolados, por parte de companheiros que não aceitam essa situação e que a única maneira de evitar que isso ocorra é escolhermos um chefe para coordenar isso tudo, incumbindo a ele formar um grupo a seu lado que funcionará como seu Estado-Maior. Sei que essa decisão pode parecer precipitada, mas pelo que lhes foi dado ouvir, bem como, por coisas que cada um dos senhores conhece, tenho a convicção de que não estou nem sendo precipitado, nem sedicioso, já que acho que a nossa fidelidade se deve antes à Pátria e apenas depois aos superiores hierárquicos e quando eles têm uma posição condizente com os interesses maiores, o que positivamente, por mais inafortunado que isso seja, não é o caso dos chefes atuais. Estou à disposição dos senhores para quaisquer esclarecimentos e peço-lhes que desculpem a rudeza de algumas coisas que aqui foram ditas, mas todas elas são verdadeiras e portanto devem ser apresentadas como são e não como nós gostaríamos que elas fossem.

Durante algum tempo um silêncio opressivo reinou na sala. Ninguém

dizia nada, nem se mexia. Finalmente, o mais velho deles, gal. Marcondes, muito respeitado no meio militar por sua correção, discrição, profissionalismo e equilíbrio, acendeu um cigarro. Descruzou as pernas, ajeitou o cabelo branco, tirou os óculos e perguntou se Leônidas achava que o presidente estava a par desses fatos.

– É difícil, general, ele não estar a par. Como o senhor pôde ouvir, em muitos dos fatos aqui narrados se envolvem a sua mulher e seus dois filhos. Depois, é bom não se esquecer que antes da presidência ele foi chefe do SNI. o que torna a possibilidade do seu desconhecimento ainda mais inadmissível, mas eu acho que, mesmo que ele desconheça, ele se cercou de tal tipo de pessoas, que fica difícil isentá-lo da responsabilidade. Gostaria, no entanto, que os outros membros desta reunião expusessem seus pontos de vista a respeito."

Um a um eles foram concordando com a exposição de Leônidas.

Mas Marcondes não se deu por satisfeito. Os seus olhos azuis demonstravam uma profunda angústia e toda sua expressão, de normal generosa e complacente, como a de um avô benévolo e tolerante, estava carregada por uma expressão de perplexidade e dúvida. Via-se claramente que era difícil para ele aceitar o que tinha acabado de ouvir. Ele desabotoou o blazer marrom-escuro, virou-se para o gal. Torres, o segundo em idade, e perguntou:

– Você acredita nisso tudo, Torres?

– É difícil a gente aceitar, mas parece que é verdade. Tenho de minha parte ouvido muita coisa e parece que as informações se cruzam. Acho que o Leônidas fez bem em nos reunir. Talvez cheguemos a algo de prático.

– Há que se reconhecer – disse o gal. Campos, que era o mais novo dos oito e o mais impetuoso – que o nosso descrédito nunca chegou a tal ponto. Nem mesmo na guerra do Paraguai conseguimos ficar tão mal, numa clara alusão às barbaridades e violências praticadas pelos brasileiros após terem derrotado Solano Lopez.

– Você está exagerando, Campos.

– Não estou mesmo, Marcondes. Eu tenho andado por aí, coisa que você não faz. Se o fizesse talvez fosse você quem promoveria esta reunião e não o Leônidas. Acho que você tem que reativar alguns contatos para ver que temos razão.

- Na Aeronáutica a situação não é melhor, acrescentou o brigadeiro Leomil. Tenho conversado com vários colegas e acho o quadro realmente muito difícil. Pelo que eu sei, o descontentamento entre os nossos é ainda maior que no Exército.

Leomil se levantou para se servir de whisky. Com mais de 1,80m de altura, era magro, bem elegante. Não aparentava os setenta anos que já tinha vivido. Apenas suas cãs brancas, sempre revoltas, davam uma idéia

de sua idade. Queimado do sol, era freqüentador assíduo da praia na altura da gal. Mitre, no Leblon, onde se concentrava um grande número de oficiais da FAB.

– Tenho conversado muito com o meu pessoal na praia – prosseguiu – e posso dizer-lhe, Marcondes, que realmente é preocupante o ponto a que chegamos.

Como que aproveitando a deixa, o almirante Ferraz, após se mexer muito na poltrona, para ajeitar seus quase 90 quilos, muito mal distribuídos nos seus 1,60m de altura e que lhe davam um ar permanente de desmazelo e deselegância, sentenciou:

– Acho que temos que fazer algo antes que alguém o faça. Conversei semana passada com o chefe do CENIMAR e ele acha que o princípio da autoridade já foi comprometido e que com as eleições de novembro o Governo perderá a maioria e depois disso é inevitável a eleição direta para presidente e ocorrendo isso nós vamos perder o controle da situação.

– Mas, Ferraz, o que nós queremos, ou pelo menos o que eu entendi até aqui, é ver como conseguimos sair dessa situação e evitar de envolver-nos mais com política e políticos, aparteou o gal. Morais, então esse negócio de perder o controle não é exatamente o que se está propondo aqui.

– Veja Morais, respondeu Ferraz, apenas falo em perda de controle porque acho que cometemos o erro de sacrificar todas as lideranças civis válidas e sem bons líderes é fatal que o país seja atirado ao caos.

– Pelo que eu ouvi aqui, Ferraz, e pelo que sei de ouvir por aí, no caos, praticamente, nós já estamos e não vejo nenhum civil envolvido mais fundo nisso. A responsabilidade é dos militares e tentar tirar esse que aí está para colocar outro não sei se é uma boa.

– Com licença, disse o gal. Mattos e se levantou. Eu creio que todos vocês têm razão. Ocorre que eu entendo que, se temos que fazer algo, esse algo deve ser radical, mesmo porque, até agora não ouvi sequer uma palavra da queda do nível nas escolas militares. Quando passei para a reserva, o meu último posto foi de Diretor do Ensino do Exército; entregamos, os diretores de Ensino das três armas, a cada um de nossos ministros um estudo demonstrando que a erosão do nível nas escolas e a freqüência cada vez maior de oficiais nas faculdades estavam comprometendo seriamente a estrutura das Forças Armadas e até hoje, ao que eu saiba, nada foi feito nesse sentido. Muito pelo contrário, a coisa ficou ainda pior. Então para mim, além disso tudo que eu ouvi e que é terrível, é preciso que se faça algo de realmente radical, se é que pretendemos efetivamente envolver-nos em alguma coisa mais séria, pois na hora em que a oficialidade estiver com seus padrões de análise e comportamento com-

pletamente deformados, não haverá na realidade mais nada que possamos fazer. Acho que a sugestão do Leônidas é a correta. Devemos escolher um chefe aqui e agora e montar um Estado-Maior para equacionar tudo isso ou então deixar como está, mesmo porque nós já passamos da idade de brincar de conspiração. Para mim a última brincadeira foi em 64.